

AVELINO DE SOUSA

O Fado e os seus censores.

(ARTIGOS COLLIGIDOS D'A VOZ DO OPERARIO)

*Crítica aos detractores da
canção nacional*

COM UMA CARTA DO ILLUSTRE POETA E DRAMATURGO

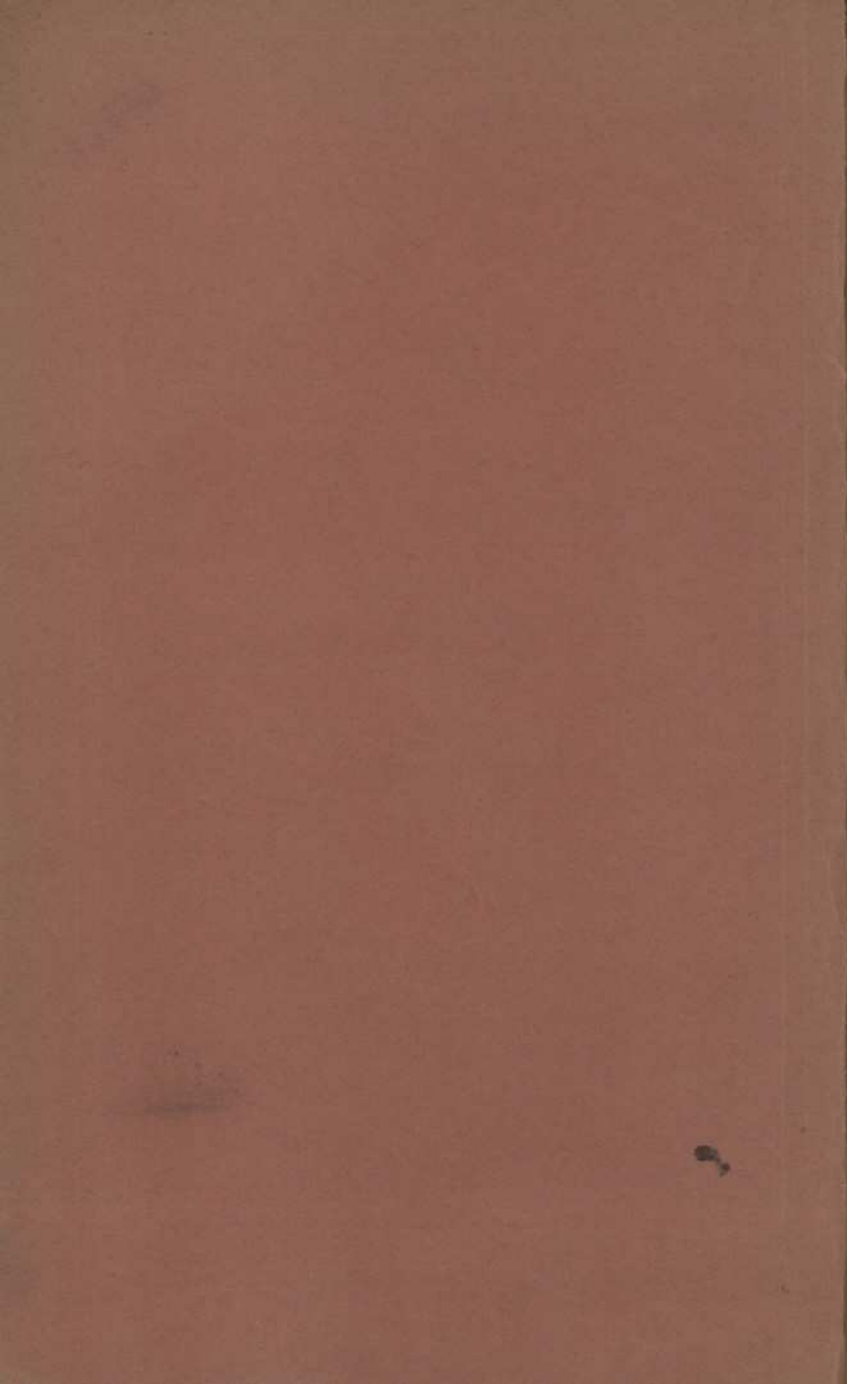
Dr. Julio Dantas

PREÇO 100 RÉIS

* COMPOSTO na Villa Thomaz da Costa, 6, 4.º porta G
* IMPRESSO no Largo da Abegoaria, 27 e 28 * * *

1912
—
LISBOA

* EDITOR, O AUCTOR *
* DEPOSITO, Rua General Taborda, 85, r/c. D. — Campolide * * * * *



12888
L.
OFFERTA
AVELINO DE SOUSA

O Fado e os seus censores.

(ARTIGOS COLLIGIDOS D'A VOZ DO OPERARIO)

*Critica aos detractores da
canção nacional*

COM UMA CARTA DO ILLUSTRE POETA E DRAMATURGO

Dr. Julio Dantas



53235

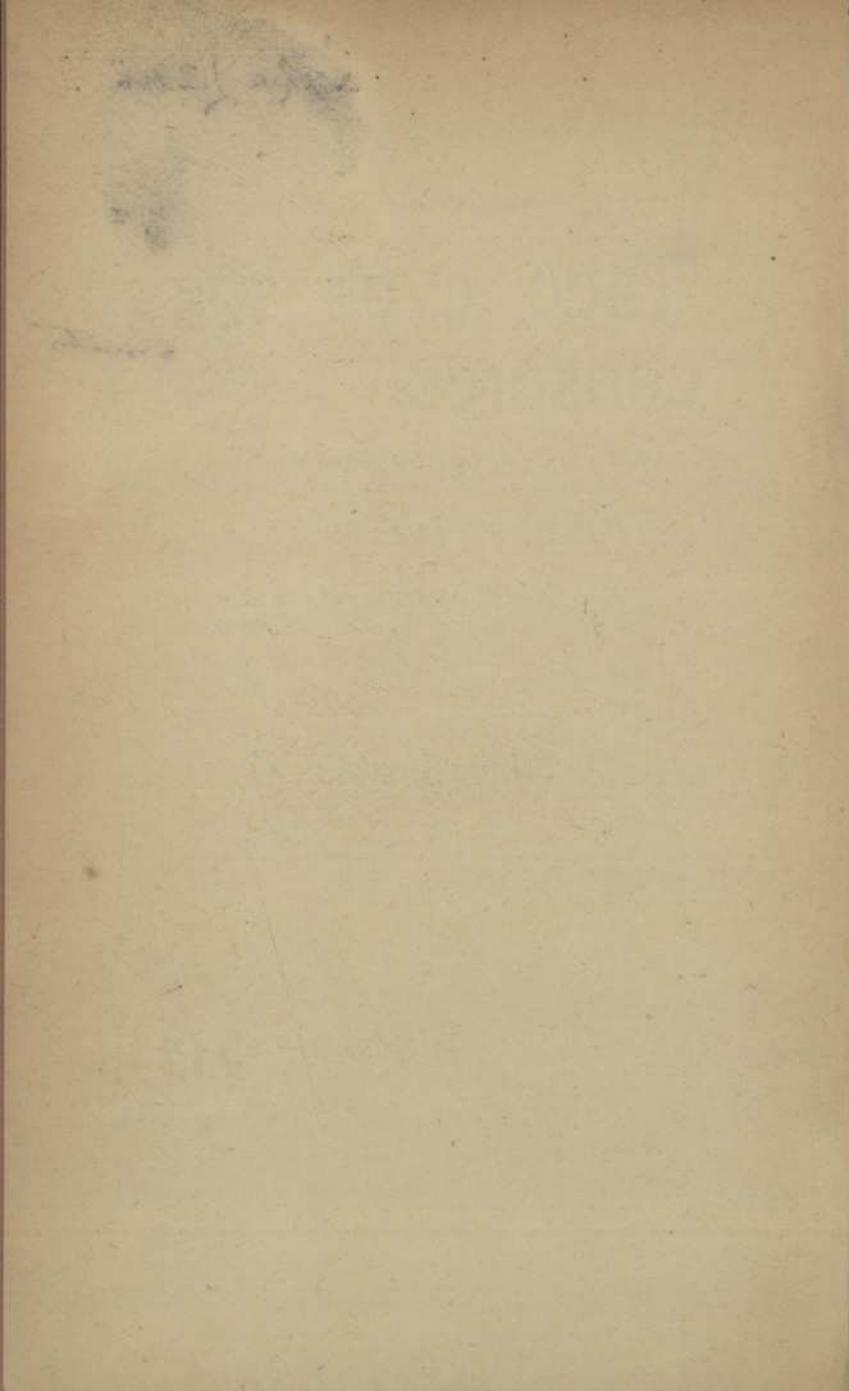


~~53236~~
~~53236~~

* COMPOSTO na Villa Thomaz da Costa, 6, 4.º porta G
* IMPRESSO no Largo da Abegoaria, 27 e 28 * * *

1912
—
LISBOA

* EDITOR, O AUCTOR *
* DEPOSITO, Rua General Taborda, 35, r/c. D. — Campolide * * * * *



A' Bibliotheca Nacional de Lisboa

5/2/1912 Lt

88^{ca}

o autor



H. G. G. G.
1892

L.
12888

A' minha querida mulher

L.

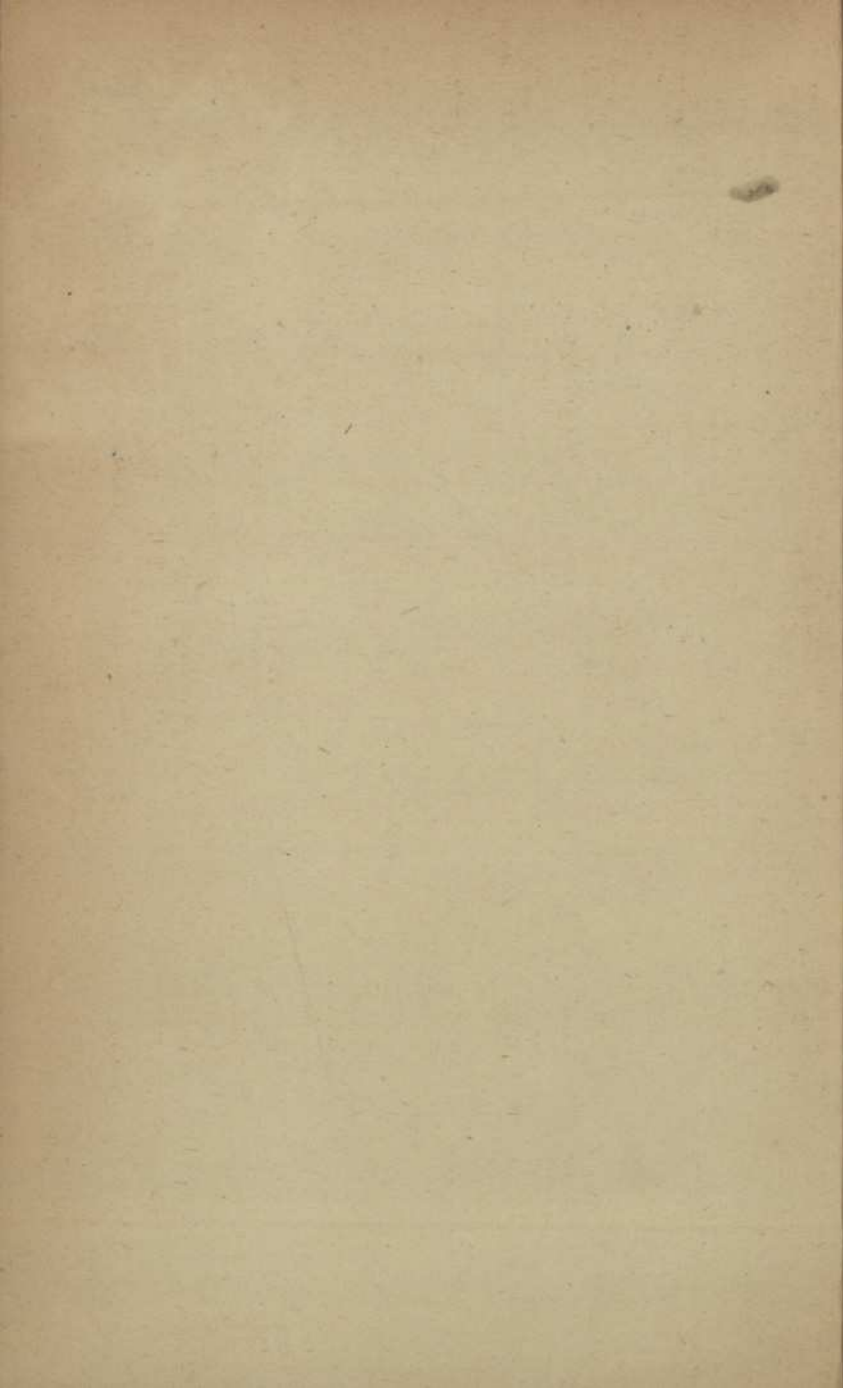
12888

Lucinda Ferreira de Sousa

A Ti, companheira dilecta da minha vida,
que tens participado das minhas dôres
e alegrias; a Ti, cuja alma diamantina
e excelsas qualidades de trabalho, de
coração e de caracter suppreim, quanto
possivel, o que possa faltar-te em re-
quintes de educação; a Ti, filha do
Povo, como eu — offereço estas paginas,
que a minha alma sente e transmite á
Tua, com todo o affecto e carinho do

teu

Avelino de Sousa



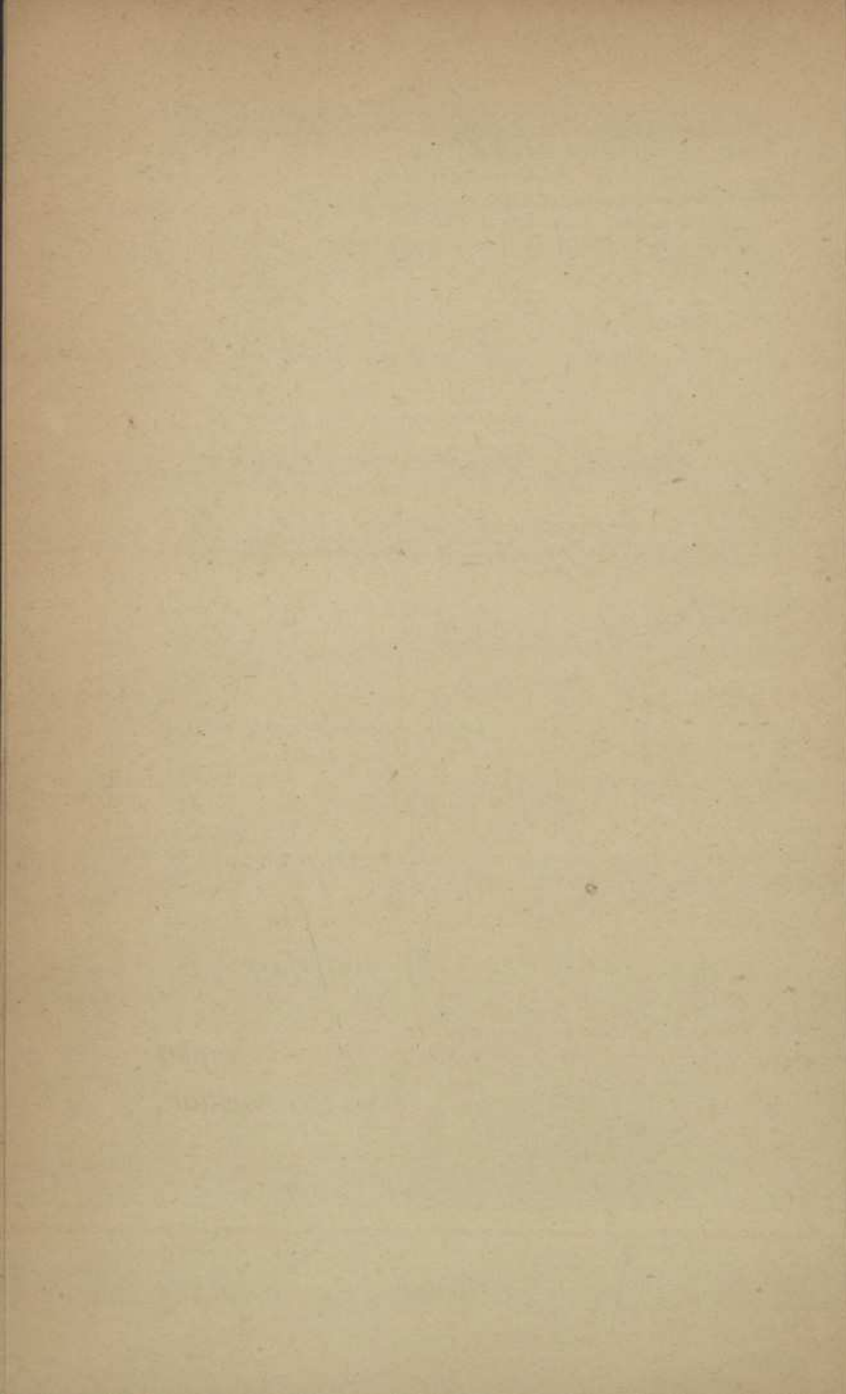
Aos seus companheiros e amigos da Redacção, da Administração e do Quadro Typographico de A Voz do Operario, e — em especial — aos seus presados amigos, leaes camaradas e principaes iniciadores da publicação d'esta obra

Antonio Custodio Nunes
Alfredo Vianna

Como tributo de muita gratidão e estima

O. D. e C.

O auctor



Carta-proemio

Ex.^{mo} Sr.

Pede-me V. Ex.^a um prefacio para o seu livro. Respondo-lhe, com muito pesar, o que já respondi a algumas pessoas que tiveram a amabilidade de manifestar-me o mesmo desejo: não me sobra tempo nem tranquillidade de espirito para me occupar de litteratura, — pelo menos durante os meses mais proximos. Ser-me-hia muito agradavel conversar um pouco com os meus amigos dr. Samuel Maia e Forjaz de Sampaio, sobre um assumpto que com tanta originalidade trataram. O fado, simples annotação melodica do sentimento popular, não merece, talvez, que se preoccupem tanto com elle, — e muito menos que o discutam sob o ponto de vista da hygiene social. Uma

canção não faz degenerados; os degenerados é que podem ter predileções por determinada canção, — e, em geral, por determinada forma d'arte. É a velha historia da dypsomania: não se é degenerado porque se bebe; bebe-se porque se é degenerado.

Que culpa teem os numeros da obsessão dos arithmomanos? Que culpa teem as praças do delirio dos agoraphobos? Que culpa tem o fado de que os degenerados o cantem? — Mas isto levar-nos-hia longe, e eu não tenho um minuto meu. — Peço-lhe que me desculpe e me creia seu camarada e admirador,

Julio Dantas

O FADO E OS SEUS CENSORES

“Dr. Felix,”

I

Um pouco antes da visita da febre typhoide, o *dr. Felix*, na secção *Higiene Prática*, d’*O Seculo*, lembrou-se de proferir o seu *diagnostico* sobre a poetica trova portugueza (talvez para distrahir-se da maçadoria de aturar clientes... pelo correio) e condemnou-a á morte, como a doente incuravel!

Ha poucos dias, o escriptor Albino Forjaz de Sampaio, fez transcrever no mesmo jornal um trecho do seu livro *Prosa vil*, que trata do *Fado*, e — com a penna armada em estylete — tentou executar, na inoffensiva canção nacional, a sentença do *dr. Felix*!

São, pois, duas tentativas de assassinato — com as aggravantes da cumplicidade e da premeditação.

Arvoro-me advogado de defeza do *Fado*... o creio que hei de salvá-o da furia *medico-critica* dos seus censores.

Vamos a isto:

Sou pouco apologista da *ordem chronologica*, por isso que ella, muitas vezes, pretere a Miseria para servir a Abundancia; todavia, como o paiz em que todos nascemos — eu, o *dr. Felix*, o Albino Forjaz e o proprio *Fado* — participe um pouco de *chafariz*, tenho, por via de regra, de seguir a tal ordem chronologica. Ora, como quem primeiro chega, primeiro enche, é o *dr. Felix* quem está á *bica*.

Sua excellencia não me conhece, decerto, o que representa para mim um grande bem, por isso que travar conhecimento com um medico não é das coisas mais agradaveis, mórmente quando se não soffia de qualquer

doença e o Esculapio veja nos amadores do Fado *doentes do fgado!*

Mas, não ha duvida! Eu proprio me apresento: Altura, regular, moreno, excessivamente magro, grande bigode negro a adivinhar as *brancas*, cabelo *sal e pimenta*, vaccinado duas vezes, de 32 annos de idade, casado, bom comportamento moral e civil — modestia áparte — de profissão compositor typographico, e, nas horas vagas... *Fadista* (com F. de *caixa alta!*). O doutor preferiria, decerto, de rontar-se com outro dontor — tanto mais que vivemos n'uma terra onde o fertil e uberrimo ventre da Universidade tem parido duzias de doutores, de *uma só barriga*... D'esta vez, porém, terá v. ex.^a de contentar-se com um *Fadista*. *Fadista*, isto é: pessoa que canta o fado. Não vá v. ex.^a con'undir com *saquista!* Esteja, pois, descansado, que não terá de couraçar a barriga, para livral-a da navalha... — Mas, vamos ao Fado, ao *choradinho*:

Diz v. ex.^a, no seu primeiro artigo, que o *fado é abjecto, porcalhão e avinhado* e que depois de ter vivido escondido, *vegetando miseravelmente em humidas alvirjas, n'uma atmospherá de aguardente, tabaco réles e alecrim*, um dia *algum larvado sybarita*, travando o braço ao rigoroso fado, entrou com elle a porta dos palácios. O *besuntão* entrou na moda e todas as portas se lhe abriram. Mas, pelo facto de o exporem á grande luz e de lhe mostrarem a vida movimentada e bella, cheia de tonicás emoções e de estímulo combativo, permaneceu com o feitiço relaxado, lamentando a *fatilidade do destino, recluso dentro de uma systemática impotencia*. O *choradinho* nas salas, no meio da gente culta! Como se *uma rameira fosse capaz de ser rainha!*

Eu podia agora provar ao *dr. Felix*, com exemplos da Historia, que ha *rameiras* com alma de *rainhas* e *rainhas* que apenas são *rameiras!* Mas, limito-me a dizer: o *dr. Felix* sabe tanto o que é o Fado, como o seu illustre collega, *dr. Samuel Maia*, sabe o que são questões sociaes. O *dr. Samuel Maia* — incontestavelmente um medico d's-

tincto — quando (pelo menos uma vez, que eu lêsse) se lembrou de tratar n' *O Seculo* de questões referentes ao operariado, só conseguiu escrever *burguezissimas* orações! E o *dr. Felix*, ao abordar a questão do Fado, apenas tem produzido periodos palavrosos! De modo que o *dr. Felix* e o *dr. Samuel Maia*, se fossem irmãos... não seriam, talvez, tão parecidos!

Dois excellentes medicos, sem duvida, mas... nada mais.

E' necessario discernir: O *fado-alcouce* e o *fado-destino* são coisas diversas do Fado-Verso e do Fado-Musica. Nada de misti'orios!

A canção nacional não tem que vêr com a *meia-porta*. Se o Fado-Canção foi *lá nascido* — o que não está averiguado, e talvez só o illustre luminar das letras portuguezas, *dr. Theophilo Braga*, nol-o possa dizer — isso não obsta a que essa trova se metamorphoseasse á luz vivificadora do Progresso e se tornasse de ha muito n'um elemento de propaganda para os grandes ideaes! Que importa que o *rufião* ou a *meretriz* estropiem o Fado? Isso que prova? Simplesmente que essa bella trova está na alma popular, e que, justamente porque é cantada do mais baixo ao mais alto da escala social, é que tem fóros de canção nacional. Nasceu nas viellas? Embora! Tambem — e cá temos nós o *fado-destino* — *Emilio Zola* nasceu em berço pobre e mourejou noite e dia como simples caixeiro de uma livraria de Paris, passando tantalisadoras fomes e cruciantes miserias, até elevar-se, á força de estudo, de genio, de talento e de vontade, á cathegoria do maior cerebro do seculo XIX!

E ha tanta mais paridade n'esta comparação, quanto é certo que, se esse colossal medico da penna soube escarpelisar as podridões de uma sociedade delateria, tambem o Fado já me serviu — como poeta humilde e trovador popular — para cantar a gigantesca obra d'esse altissimo espirito, em cujos livros o *dr. Samuel Maia* poderá aprender a palpar o pulso ás multidões, quando novamente quizer *receitar* sobre Sociologia!

No lôdo — metaphoricamente, é claro — também nascem flôres! E o Fado, vindo do lôdo, transformou-se n'uma flôr vicejante e bella, á custa de muito esforço e boa vontade dos humildes poetas e trovadores populares, que, sentindo bem dentro d'alma toda a psychologia da velha canção e quanto ella está arreigada no animo do povo, a burilaram carinhosamente, retocando-a, aperfeiçãoando-a, fazendo d'ella a trova educadora, por meio da qual se confraternisa, se chora e ri, se combate pelo Ideal e se condemna a immoralidade, a tyrannia, a impudicicia!

Censurar o Fado?! Só quem não tem alma para sentir! E o *dr. Felix* é um d'elles, porque não o conhece!

Soube que elle se canta nas al'urjas, por vozes avinhadas e por boccas pintalgadas de almagre, e tanto bastou para que, do alto da sua cathedra da *Hygiene Practica*, onde pontifica, o condemnasse como coisa nojenta! Nem ao menos se lembrou que, no dia 5 de outubro, em todos os labios estava a *Portugueza*, sem distincção de classes ou gerarchias! E depois d'essa data gloriosa, em que *todos a cantaram*, ainda ninguem se lembrou de a condemnar ou julgar manchada, pelo facto de labios avinhados de rameiras e boccas descóradas de maltrapilhos a haverem enthusiasmicamente entoado!

Todos eram portuguezes para cantar a *Portugueza*! Todos são portuguezes para cantar o Fado! Não há gerarchia onde ha sentimento! E, para soffrer e sentir, toda a humanidade tem um coração.

O *dr. Felix* sabe lá o que é o Fado!...

Ah! Mas hei de eu ensinar-lh'o, pouco a pouco, e em *dozes semanaes*, para que mais facilmente o possa digerir.

II

— Vamos á liçãozinha, doutor?

Vejamos: O que é o Fado? E' a palavra cantada, ou seja, a poesia alliada á musica. Essa musica é, talvez, uma melopêa sentimental — no seu inicio — e por essa razão é que o doutor e o Albino Forjaz lhe chamam uma

coisa *amollengada, triste, enfadonha, sensual!* E' que v. ex.^a — o Albino fica para mais tarde — desconhece as innumeradas variantes do Fado!...

Eu, que á minha humilde mesa de trabalho tantas trovas, mais ou menos incorrectas, tenho produzido, é que posso, indubitavelmente, explicar-lhe todas as diversas cambiantes porque passa, á luz cerebrina da inspiração, a mimosa trova. O Fado percorre toda a gamma social!

Hoje, é o trovador humilde, *que não escreve*, e me pede para fazer-lhe uma canção, que elle cantará na festa a favor de uma viuva cheia de filhos; e, n'este caso, a musica é o Fado propriamente dito, dedilhado em tom *menor*, acompanhando o verso apropriado, que é um mixto de revolta e amargura pelas desigualdades sociaes. A'manhã, é outro que deseja cantar as delicias do hymineu e brindar os noivos,

Um parsinho que ajoelha e que se vai casar

como diz Julio Dantas na *Ceia dos Cardeaes*. Então, a musica é um mixto de amor e alegria, e já pôde cantar-se n'um lindo *fado-marcha*, saltitante e vivo, em que os tonicos ridentes do verso se harmonisam delicadamente com a alacre vibração da guitarra! E, n'essa toada poetica, ha beijos d'amor, ha augurios de felicidade, ha o tremeluzir brilhante d'um porvir luminoso atravez a treva densa e emocionante da Vida! Depois, é a festa do baptisado d'esse «pedacinho de carne nascido entre dois beijos» e que representa o fructo da união e do amor dos paes. Aqui, a trova é marchetada das perclas delicadas e rutilas que nascem no mais recondito do coração das mães!

«Ha lagrimas a rir, e risos a chorar»

mas que, a par da sentimentalidade natural, deixam vibrar a musica dentro d'alma, em tom *maior*, de onde se filtra a alegria esfusiante, enternecedora, per'umada!

Mais tarde, vem o humilde filho do povo, o desherdado

da blusa — como eu, doutor — e esse quer trovas energicas, dramatisadas, onde se concretise toda a sua discrepancia por tudo que é iniquo e revoltante, a dentro de uma sociedade infame e polluida, e de cujos poderosos detentores do Capital só o operario é victima! N'estas trovas faz-se propaganda contra a Reacção, stygmatisa-se o roubo legal commetido pelo honrado commerciante, dissecase o ventre da Abundancia, cheio á custa do suor do pobre, da eterna *besta de carga*, jungida ao carro triumphal do Rei-Milhão! Estas são as canções sociaes, em rondilha ou em alexandrino, — que para tudo o Fado tem variantes que o doutor desconhece — onde ha brados de revolta, gritos de desespero, clamores d'alma, sobreexcitações de espirito em que o protesto resalta forte, viril, austero e justo, contra as torpezas, mais do que muito condemnaveis, do Existente!

Ao Fado tudo se canta e tudo se diz! Ha no seu amago: Alma, Sentimento, Energia, Coração! (E' bom não confundir este coração com outras miudezas que abundam no *fado-alcouce...*).

Mas... não fujamos á guitarra.

Diz v. ex.^a, n'um artigo em que chama *idiotas, admiradores da anemia e das olheiras*, etc., aos poetas amadores do Fado — como *um provinciano* que lhe escreveu — que *um poeta não deve servir para chorar, mas sim para cantar*; e, n'outro ponto do mesmo artigo: *a elegia, a lacrimosa dôr, essa humilde tristeza com que se pretende estofar a alma nacional, é uma pustula a desinfectar. uma escoria a varrer.*

Percebo: O *dr. Felix* queria que os poetas cantassem a Dôr e a Amargura... á gargalhada! Queria v. ex.^a que se cantasse o Amor com um cacete na mão! Que prosaismo, doutor! E, todavia, v. ex.^a sabe que a Poesia sem sentimento, sem alma, sem doçura, sem todo aquelle

«Delicioso pungir do acerbo espinho»

— de que nos falla Almeida Garrett — não é Poesia, não é Arte, não é nada!

Ah! mas como para v. ex.^a o Fado é cousa *lymphatica* e *piegas*, permitta que eu transcreva do livrinho *A canção da minha terra*, do meu amigo e confrade Arthur Arriegas, um trecho do prefacio escripto por outro grande amigo, o immortal auctor do *Alcacer-Kibir*. Diz D. João da Camara:

Ouve-se uma guitarra. Ergue-se uma voz cantando um mote. A guitarra é desafinada, avinhada a voz, mote obsceno. Logo lhe faz a glosa uma *estupidez hypocrita*, condemnando o fado e a poesia popular.

V. ex.^a comprehende: todo este periodo em que a ironia resalta — incluindo a *estupidez hypocrita* — é dedicado aos *censores do Fado*...

Continúa, porém, o illustre auctor d'*Os Velhos* e da *Rosa Engeitada*:

...E porque n'uma toada de piegueira em tom menor ou em quatro versos de pé quebrado, um dia coube uma desvergonha, o juiz Accacio, com o falso pudor acceso nas bochechas, condemna musica e redondilhas ás trevas dos beccos mal afamados! Ora a verdade é que as canções populares portuguezas *se distinguem pelo sentimento, na poesia e na musica, de todas as canções do mundo*, talvez a unica arte em que conservamos a nossa originalidade. Teem um cunho especial, inconfundivel, e foram fonte purissima, luminosa, em que beberam grandes lyricos, desde Bernardim a João de Deus.

Lindo titulo este: *A canção da minha terra!* O auctor é de Lisboa; creio que d'aquí não costuma sahir. Não o terão commovido as alvoradas no campo, quando os melros saudam o sol, nem as melancholias do entardecer, quando sobem mansinhas para o céo columnas de fumo em cada lar; mas, á esquina d'uma rua, encontram-se uns olhos bonitos que sorriem, ou uma mãe que, chorando, aperta um filho aos peitos esvasiados. E onde ha risos e lagrimas, póde viver a poesia!

E onde ha risos e lagrimas, póde viver a poesia! Vê, doutor? Cá temes o illustre auctor da *Meia Noite* de accordo com a *pieguice*, ainda que a v. ex.^a peze! E pena é que esse grande poeta — Gomes Leal — seja hoje um

espírito doente e para sempre inutilisado; aliás, ninguém melhor do que elle poderia ripostar ao *dr. Felix*. Melhor ainda que D. João da Camara, elle sabe o que é a trova popular: — a conglobação de risos e lagrimas, de desaltecimentos e energias, de protestos e amarguras!

V. Ex.^a sabe lá o que é o Fado! Quanta propaganda, nos saraus das associações, na rua, na sala, na taberna, fez o humilde trovador em prol da Republica que hoje nos rege! E o povo rude, o povo operario, quedava-se recolhido a ouvir-o, entendendo talvez melhor esses pobres versos — muitas vezes sem metrica — do que os mirabolantes discursos dos oradores de comicios!

E' que, talvez valha mais a *palavra cantada*, suggestiva e simples, afflorando aos labios rudes do rude productor, do que a palavra vibrante do historico Mirabeau! . . . Este, vendeu o talento e a loquella por um milhão de francos á vacillante monarchia dos Capetos; e aquelle — o productor rude e simples — aluga o braço, mas não vende a consciencia!

E porquê? Porque os humildes filhos do povo, após terem transitado do azul e branco para o verde e vermelho, retemperaram o espirito, abriram os olhos — os que os tinham fechados, que não todos — e já hoje cantam ao som do Fado:

Bravos heroes do Progresso,
 ávante p'lo grande Ideal!
 — A Republica não basta
 p'ra esmagar o Capital!

O *dim, dim*, fica a cargo do Albino Forjaz que deve estar por ahí perto a afinar a *guitarra* da sua mordacidade, e á escuta da nossa conversa. . . — Até á semana, doutor.

III

Creio ter demonstrado sobejamente a v. ex.^a o que é o Fado: o rythmo cadencioso do verso, conjugando-se com a harmonia dulcissima da musica. Sem embargo, diz o cidadão *Felix* que «o Fado é triste e faz mal ao figado»!

E' curioso, doutor! E v. ex.^a vae, por certo, explicar-me na sua *Hygiene Pratica* a origem d'este phenomeno extremamente engraçado: Durante 15 annos, interruptos, eu cantei o Fado em toda a parte: no palco, na associaçãõ, nas hortas, na taberna, na rua, no lar das familias — operarias ou burguezas — no *restaurant*, no mar e... até em caminho de ferro! E' bom acrescentar que, apesar d'esta effervescencia da mocidade, que me impellia á propaganda pela trova, eu não fui nunca *sou-teneur*, nem vadio, nem desordeiro, nem bebedo, nem syph'litico — sou um Fad'ista com sorte, não acha? — e, a não ser *bezigas doidas* e sarampo, que tive quando era «menino e miço», nunca fui, felizmente, atacado de qualquer doença. Todavia — e aqui é que está o engraçado phenomeno — casei ha tres annos e... minha mulher é que soffre do figado!...

E' o caso de se dizer: *d'um lado está o ramo e do outro é que se vende o vinho...*

Eu, que abusei da *triste canção*, nada padeço; minha mulher, sem que a cantasse, soffre do figado! Esta só pelo diabo!... Será contagio, doutor?... V. ex.^a explicará, pelo que lhe fico immensamente reconhecido...

Diz, porém, o *dr. Felix* que «nós devemos cantar coisas alegres», e, a proposito, cita a *Canninha Verde*, etc., etc. Mas, isso é illogico, doutor! Não se applica assim, tão facilmente, a therapeutica do Riso, só porque os francezes dizem que *les portugais sont toujours gais!*...

Pois, nem sempre, doutor, nem sempre! Este povo, que moureja de sol a sol e passa a vida sob a canga, como um boi á nora; este povo, que ganha de dia para comer á noite, mal remunerado, mal alimentado, mal vestido, não pôde tomar a Vida a rir, pela simples rasão de que só é alegre quem pôde e não é alegre quem quer. E onde predomina o soffrimento, a alegria não apparece de quando em vez, mas de longe a longe!... E' um pallido reflexo de alacridade, um fugitivo relampago de alegria que raras vezes brinca nos labios do povo e que difficilmente consegue desanuviar-lhe a peculiar tristeza!

A *Canninha Verde!!!*... — Ora que desacato, doutor! V. ex.^a sabe que as canções teem, em geral, como os individuos, a sua physionomia própria, a sua côr local. Logo, a *Canninha Verde* fica muito bem nos labios rubros das mulheres do Minho, mas nunca na bocca mimosa da gentil costureirita de Lisboa, a quem 12 horas consecutivas de *atelier* roubam o vigor para sapatear o *Fandango*, no 4.^o andar da sua pobre mansarda — nem a vizinhança lh'o consentia! — ou para estropiar a *Canninha Verde*, para o que, decididamente, lhe faltariam o *gajé*, a desenvoltura, e até a maneira de pronunciar, característica das filhas do Minho!

Não acha que tenho razão, cidadão *Felix*?

O Minho, o Alemtejo, o Algarve, etc., teem as suas canções próprias, locais, o que não obsta a que o Fado se cante do sul ao norte do paiz, por isso que é, e será sempre, a canção nacional. No entanto, é em Lisboa que elle tem mais voga, porque não ha meio de nos habituarmos á sanfona horripilante do *harmonium*, nem ao *Vira*, que, sem duvida, é muito agradável cantado e dançado por uma bonita ovarina, bem fornida de carnes e de largas ancas. Na capital, á parte uma ou outra trova usada nos bailaricos de roda — mais proprios de creanças — ou esta ou aquella copla de operetta ou de revista, o que prevalece é o Fado.

Mas — diz v. ex.^a — o Fado é a canção do vinho! Como se, para a gente se embebedar, fosse preciso sobraçar uma guitarra! Admittamos, porém, que é assim. E, n'esse caso, queira v. ex.^a tomar nota d'esta pleiade de *bebedos* illustres, que teem contribuido com o seu altissimo talento para que o Fado mais e mais se alastre e enraize na alma popular: — Bocage, João de Deus, Bulhão Pato, Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, João Penha, Gomes Leal, D. João da Camara, Antonio Correia de Oliveira, Hylario, Augusto Gil, Fausto Guedes Teixeira, Affonso Lopes Vieira, Julio Dantas e tantos outros novos e velhos!

Que *sucia* de *alcoolicos*, hein, doutor?... Quantos ci-fões de soda não seriam precisos para fazer com que elles

vomitasse as centenas de formosíssimas quadras que o povo estuda, aprende e canta, e que, como é obvio, tiveram a sua origem no portentoso *alambique* de tão excelsas intelligencias!

E o maestro Filippe Duarte?! Que grande *bebebeira* elle tinha quando escreveu aquella mimosa e linda partitura da peça *O Fado*, representada no theatro Apollo!

Ora esta gente sempre faz cada uma com a *cegonha!*... E para isto não ha policia!... Marotos!...

Antes que me esqueça, como estou com a *mão na massa*, vou accrescentar a lista dos *bebedos* com mais um nome de destaque na Sciencia. Este caso que vou narrar e que recommendo á acuidade de espirito de v. ex.^a, e á sua extraordinaria subtilidade de observação, foi-me contado e garantido como authentico, por um amigo meu e do Fado — porque o certo é que cada vez ha mais *bebebos* — que me auctorizou a dal-o a publico:

Quando se inaugurou a primeira casa da Nutricia de Lisboa, houve uma festa para os lados da estrada de Malpique, onde se comeu, bebeu e cantou o Fado. V. ex.^a deve saber d'isto... porque assistin á festa. Pois, n'esse alegre convivio de pessoas de representação, o illustre *collega* de v. ex.^a, dr. Samuel Maia, não resistiu... e tambem cantou umas quadras ao som do Fado! E esta?!...

Pela minha parte está desculpado o distincto medico. Resta-me, porém, pedir ao *dr. Felix* que perdõe ao seu *collega* Samuel Maia tão grande e horrivel crime... Seja indulgente, doutor, sim? Aquillo, creio eu, foi *pinguinha a mais*... e um descuido qualquer tem!

Ai! doutor, depois d'esta historia, valha-nos o santo umbigo do Menino Jesus... e mais partes adjacentes da immaculada creança!

E até domingo.

*

Post-scriptum. — Depois de composto o que acaba de lêr-se, vejo na secção *Hygiene Practica*, d'*O Seculo*, sob o titulo *O choradinho*, mais umas palavras do *dr. Felix*

condemnando o Fado. Sua excellencia, porém, não diz nada, ou antes, diz sempre a mesma coisa. Como defeza, é tão fraca e triste, que lembra a agonia de um tuberculoso. . . Nada d'aquillo deita abaixo a exposição clara e precisa que eu tenho feito em tres numeros d'Á Voz do Operario. E basta só a citação de hoje sobre a inauguração da casa da Nutricia, para que a de'eza do dr. Felix fique reduzida á condição de um papel amarrotado, que jámais poderá voltar á fórma primitiva, por muito que o engommem ou mettam na prensa.

No proximo numero fallaremos.

IV

Palavra de honra que cheguei a suppôr que v. ex.^a tinha perdido a falla por completo! Enganei-me, porém, e, com tristeza o digo, melhor seria que v. ex.^a não tornasse a fallar sobre o choradinho. . .

Ha um proverbio que diz: o calado é o melhor, e o dr. Felix faria excellente figura se não tem fallado. E' certo que não se me dirige directamente, talvez receoso de me fazer réclamo, bem como á Voz do Operario. Pelo que me diz respeito, dispenso o réclamo, não só porque não pretendo evidenciar-me, — se bem que vivamos n'uma terra em que a empenhoca faz subir muitas nullidades eguaes a mim. . . — como tambem não tenho a pretensão de arranjar emprego chorudo. . . Já agora serei typographo toda a vida. Quanto á Voz do Operario, vae vivendo com os seus 52:000 leitores, e muito bem!

Posto que v. ex.^a não se me dirija directamente, desde que na sua pallida e apagada defeza se re'ere aos *sadistas sem navalha* e ás *alforrecas magras*, ipso facto se re'ere á minha humilde pessoa.

Alforreca magra, é commigo! Mas esteja o dr. Felix descansado, que eu espero engordar dentro em pouco por meio das «arinhas e mais productos ultra-superiores da Nutricia». Antes, porém, engordarão as algibeiras de

v. ex.^a, em consequencia da sua dualidade de medico e commerciante da citada Nutricia de Lisboa.

Na sua pallida defeza não fez o cidadão *Felir* mais do que repetir o que do Fado já tem dito: «que cheira a vinho, que sabe a aguardente, que pede Limoeiro», e *tutti quanti*... Tem o *dr. Felir*, ao que parece, a mania de *bisar*, no que está em desaccordo com o sr. Lambertini — outro que não gosta do Fado — que já em tempos condemnou o *Bis* na sua revista *Arte Musical*. Quanto á opinião do sr. Antonio Arroyo, ella não me espanta, por dois motivos: Primeiro, porque o illustre musico é um aristocrata, e conhece tanto a vida do povo — junto do qual nunca desceu, como Zola desceu á mina para fazer o seu *Germinal* — como eu posso conhecer a côr do estofo do rico *ed.edon* que, certamente, deve adornar o thalamo de s. ex.^a. Segundo, porque para o distincto musico — que se fartou de achar defeitos n'á *Portuguezza* — supponho que não ha nada *nacional*, a não ser a sua partitura do *Amor de Pe-dição*... E — caso extranho! — muito me admira que s. ex.^a, de accordo com o *dr. Felir*, não visse uma «pieguice amorosa e alambicada» n'esse soberbo trabalho de Camillo! Sim, é bom notar que a base da obra é o Amor, e o seu auctor, por via d'essa *pieguice*, mata uma mulher e dois homens, e, ainda por cima, enlouquece *provisoriamente* a filha do *João da Cruz*! Não irá isto contra a «salubridade mental» que v. ex.^a preconisa, chegando a censurar os suicidas?...

Parece que sim, tanto mais que, Camillo como Anthero, ambos se suicidaram, embora depois de corajosamente lutarem até á velhice com todas as vicissitudes crudelissimas de uma existencia ulcerada de desgostos lancinantes e tragicos! Isto é a prova provada — se me é permittido o pleonasma — de que o suicidio não tem discussão, e que tanto pôde ser um gesto de coragem como um acto de cobardia, sendo, alias, sempre, uma manifestação de desespero! Ninguém se mata por ter cantado o Amor — com ou sem guitarra — mas todos podem matar-se saturados de soffrer! Assim é que é.

E, de resto, o segredo do suicida parte com elle para o tumulto, e a ninguém é dado — por maior medico ou sabio que seja — desvendal-o ou critical-o, em nome da «salubridade mental»!

Em contraposição á opinião do sr. Antonio Arroyo, que *sente um grande desgosto quando ouve uma senhora de fina educação cantar o Fado*, eu acho preferivel que as senhoras educadas cantem sempre essa trova tão singelamente portugueza, a ouvil-as estropiar Chopin ou Beethoven... ao piano. Além de que, opiniões sobre o Fado — depois da morte do inspirado Cyriaco de Cardoso — deve o *dr. Felix* pedil-as aos maestros que mais de perto vivem com o povo: Philippe Duarte, Del-Negro, Calderon, Luz Jun'or, Luiz Filgueiras e outros que, tão a fundo, conhecem a deliciosa melodia, não esquecendo essa impagavel figura de bohemio que é o distincto professor de guitarra, Reynaldo Varella. Porque, assentemos n'isto, doutor, e fica dito tudo: Quem da leis na sciencia são os medicos e os sabios, e quem manda no Fado são os trovadores, os poetas e os artistas!

Póde v. ex.^a deitar abaixo a pratelleira da tecnologia medicinal e mancommunar-se com os srs. Arroyo e Lambertini, que não conseguirá matar o Fado! Tem v. ex.^a tanto poder para isso, como eu — pobre pygmeu — posso ter poder para demolir a Sciencia!

Mas, diz v. ex.^a com a sua systematica teimosia, *que o Fado é o causador de todas as desgraças, de todos os males e de todas as desventuras do povo...* Tem razão, doutor. Formulemos já o nosso libello accusatorio contra esse *engeitado* rescendente a *tabaco reles* e a *vinho berruto*:

— Quem foi que, no tempo da extincta monarchia, depauperou o thesouro publico, alienou as colonias, accumulou empregos para os alhades, esbanjando criminosamente os dinheiros da nação? Foi o Fado. (*As más linguas é que deitam as culpas aos ministros...*)

— Quem estabeleceu este formidavel disequilibrio social em que o maior numero trabalha noite e dia, sof-

frendo todas as agruras da miseria, e o numero menor tem palacios, sedas, automoveis e todas as demais commodidades? Foi o Fado.

— Quem prostitue mulheres frageis e atira para a valla purulenta da degradação e do vicio centenas de creanças debeis e famintas? O Fado. (Fica absolvida a D. Encarnação e quejandas proxenetas similares...)

E, por este caminhar, podemos desassombadamente attribuir ao Fado o terremoto de 1755, o *ultimatum* inglez, a monomania traiçoeira e conspiratoria do Paiva Couceiro, a inãme moda das saias travadinhas, o ultimo eclipse do sol e... — isto é que está certo — as asneiras do d. Felir!

Ora, pois... paciencia, doutor! Só por chuchadeira!...

Mas, pergunta v. ex.^a: «O Fado é nacional, porquê? Por ter nascido dentro da nação? N'esse caso teremos de erigir uma estatua ao primeiro *pegador* de touros, como symbolo da energia nacional!»

E eu respondo: — O Fado é nacional, porque nasceu dentro da nação, em primeiro lugar; já o *amigo Bononi* sabia que se o Fado nascesse no estrangeiro, não era portuguez! Todavia, a principal razão porque o Fado é coisa nossa, está n'esta affirmativa simples e irrefutavel: E' nacional, porque todos o cantam do norte ao sul do paiz! E, como todos o cantam — e v. ex.^a tambem, embora use da doutrina do *Frei Thomaz* — é por isso que o Fado é, inquestionavelmente, a canção nacional! Quanto á imagem do *pegador* de touros, é tão pobresinha e descabida, que quasi se torna superfluo mexer-lhe... No emtanto sempre affirmarei que, quando muito, o pegador de touros e tudo que com as touradas se relacione, só pôde symbolisar a brutalidade e a estupidez indigenas. Eu não celebriso o fado que canta toureiros, nem o fado sujo do vicio e da lascivia. Celebriso o Fado que *educa pela t'ovr*, pela ultima vez lh'o repito, cidadão Felir.

Se o Fado não é nacional, por não ter origens celtas, tambem *A Portuguez* não é nacional, por isso que é mais nova! Mas, segundo se deprehende da leitura das

Poesias Selectas, do illustre bibliographo dr. Henrique Midosi, parece que o Fado deve ter nascido de uma canção que os ciganos chamavam Xacara — cantada em tom plangente — e que foi imitada no seculo xvii. A ser assim — sem que eu pretenda affirmal-o cathegoricamente — sempre o Fado é mais velhinho do que os *outeiros* de Odivellas e a marmellada da amante de D. João v...

Seja porém, como fôr, o *dr. Felir* foi pouco *feliz* em mexer no Fado. E, como até agora ainda não teve arguimentos para rebater o que lhe tenho dito, fica reptado a fazel-o quando quizer, fallando ou escrevendo.

O que deseja v. ex.^a? Sanear? Então deixe o Fado, doutor! Stygmatisa a porca da Politica, essa rameira que sustenta rufiões encasacados e promptos a embebedar o povo com o champagne da Patria... d'elles..., e que atirou com o grande Herculano, enojado d'ella, para a solidão de Valle de Lobos! Castigue com o latego da sua critica os ricos proprietarios, os exploradores do povo faminto, á custa de quem medram! Condemne os jornalistas indignos que mentem ao povo, que insultam, que mexericam na vida alheia, n'uma promiscuidade de pateo, com a mira nos *dezreisinhos* do *Zé* que os sustenta! Suba ás mansardas, aos tugurios sem ar e sem luz, ás desgraçadas e insalubres habitações de operarios, onde fenecem creanças, onde agonisam velhos, onde campeia a tuberculose em toda a sua hediondez, com o seu tragico cortejo de fome, de lagrimas, de gritos de revolta e de desespero!

Assim, será v. ex.^a, simultaneamente, medico do corpo e medico da alma! Irá depois, perante os poderes publicos, erguer alto o seu protesto, em nome da Moralidade, da Civilisação e da Hygiene, contra a desigualdade, a torpeza e as infamias das classes dominantes. Esta é a sua missão. E deixe lá o Fado!...

Ah! mas eu estou plenamente convicto de que o *dr. Felir* não fará isto, não só porque é apologista do *multo riso pouco sizo*, mas ainda porque não ha de querer ir contra a opinião do seu illustre *collega* Samuel Maia. Este

disse uma vez n' *O Seculo* — *burguezza e arrojadamente* — «que os operarios *deviam* lançar mão de qualquer outro trabalho quando não tivessem que fazer pelo seu officio», e que, «quando não pudessem ganhar *vinte*, se sujeitassem a ganhar *dez*». E' espantoso, mas é assim! Eu, porém, desejava ouvir o que me diria a Associação dos Medicos Portuguezes, se amanhã, faltando-me o trabalho pela minha arte, me mettesse furiosamente a *curandeiro*, concertando pernas, grudando braços, cosendo cabeças e receitando sinapismos a toda gente!... Passava á cathegoria de *chinezza dos bichos*, pela certa. Eu queria vêr a carinha do dr. Samuel Maia, se, pela noite alta, eu o chamasse para acudir a qualquer doença de pessoa de familia e depois lhe dêsse — em vez dos 2\$000 réis da tabella — porque os medicos não se contentam com menos — cinco ou seis tostões, dizendo-lhe: tenha paciencia, sujeite-se... não pôde ganhar *vinte*, ganhe cinco ou seis!... D'esta vez, creio que ia para o Limoeiro, accusado de um *crime maior* do que o de cantar o Fado...

Ou s. ex.^a não fôsse o dr. Samuel Maia, por alcunha o *dr. Felix*, medico e merceiro da Nutricia de Lisboa, para identificação do publico que-me lê!

V. ex.^a, ha mezes, escreveu n' *O Seculo* uma *Carta ao Sol*, realmente bem escripta e extremamente espirituosa! Gostei tanto d'ella, que me atrevo a aconselhal-o a escrever agora uma *Carta á Lua*. Fará v. ex.^a uma bella figura, como homem de espirito, e, sobretudo, deixará o Fado em descanzo! Porque a questão é esta: enquanto o *dr. Felix* escrever á Lua... á serenata passa:

Dlin, dlin,
 ~ *Dr. Felix* já não canta,
 dlin, dlin,
 está do peito arruinado...
 Só nos receita *Nutricia*
 dlin, dlin,
 para nos *curar* do Fado!

E passe v. ex.^a muito bem, que eu tenho ali o sr. Albino Forjaz de Sampaio ha quatro semanas á minha espera.

Albino Forjaz de Sampaio

V

Depois do *dr. Felix* ter levado o seu barril cheio — em sentido figurado, já se vê — seguindo a ordem chronologica, está consequentemente *à bica* o auctor da *Prosa vil*.

Eu conheço o sr. Albino Forjaz de Sampaio ha longos annos; ainda do tempo em que s. ex.^a usava uma grande cabelleira, que é, na nossa terra pelo menos, um authentic signal de talento, e muitas vezes... de piolhos. Já uma vez a illustre escriptora D. Olga Moraes Sarmiento da Silveira me perguntou, referindo-se á capillaridade sebacea de muita gente boa, *se seria preciso possuir-se uma grande trança abastecida de muita caspa e olcoso cosmetico, para se provar á humanidade que somos intelligentes!*

Não sei se será assim. O que sei, porém, é que o sr. Albino Forjaz de Sampaio tem talento incontestavel. No emtanto, precisamente porque

«Quando o fado é rigoroso,
nada vale ao infeliz...»

tambem o talento de s. ex.^a de *nada lhe valerá* para o caso de que venho tratando — ou seja a defeza da canção nacional.

Sobre este assumpto, o auctor das *Palavras cynicas* apenas soube escrever *cynicas palavras*, que eu diligenciarei contestar, embora n'uma *prosa vil*, por isso que não tenho tempo — como o sr. Forjaz — para andar de alcôfa e gancho nas mãos, em guisa de trapeiro, buscando termos exquisitos nos dictionarios... Escreverei o mais correntemente possível, para que todos me entendam, diligenciando não ferir a grammatica.

O sr. Albino Forjaz de Sampaio escreve n'*A Lucta*, onde costuma assignar uma *chronica*, ás quintas-feiras. (O réclamo é de *borla*). Ora, como o talentoso escriptor é

muito capaz de chamar-me *poeta de latão* ou *rêles fazedor de cêgadas* — do alto da sua tribuna de *chronista* — torna-se imprescindível remontar a tempos idos, não só para avivar a memória de s. ex.^a, mas, principalmente, para identificação do publico.

Ha uns doze annos, se não estou em erro, um amigo meu — actualmente residente fóra da metropole — pediu-me para fazer-lhe um soneto dedicado a uma festa de *sport*. Alinhavei os mal amanhados *versos* como pude; receoso, todavia, de que estivessem mal metrificadas, mostrei-os ao sr. Forjaz, que então frequentava a livraria Guimarães & C.^a, onde eu era caixeiro. S. ex.^a levou o pobre soneto para *concertar*, e eu, no dia seguinte, fui buscal-o, já *correcto*, a uma companhia de seguros da Baixa, onde o sr. Forjaz estava collocado, e, muito grato pela sua solicitude em servir-me, vim todo inchado com a minha *obra* e conscio de que a sua correcção era inexcusable. Mais tarde, o sr. Albino Forjaz fez publicar um soneto seu, dedicado á memoria de sua ex.^{ma} mãe, e tendo na mesma *plaque* — um mimo typographico impresso em bom papel — a traducção, creio que em quatro idiomas. Qual não é, porém, o meu espanto, quando ouço um poeta muito illustre dizer, ao lêr o trabalho do sr. Forjaz: *E fez este homem tanto réclamo a esta coisa, para afinal lançar no mercado um soneto errado!*

Fiquei com uma enormissima cara de parvo — maior do que a que já tinha e tenho — por perceber que o sr. Forjaz, que, aliás, muito sollicitamente me *concertara* os versos, *percebia* tanto de metrica como eu!

Vem isto a *talhe de foice*, para prevenir o caso de s. ex.^a se lembrar — e é muito capaz d'isso! — de me chamar poeta de *pechisbeque*, pelo facto de eu ter no mercado livros com versos errados.

O que succede commigo, succede com o sr. Forjaz; e *quem tem telhados de vidro...*

Ha, porém, uma differença: é que eu estudei a metrica o mais que pude — e estou sempre estudando — e hoje já deito *tombas* nos versos de quem menos sabe; e o

sr. Albino Forjaz de Sampaio — que, certamente, como eu, daria tudo para arrancar aos livreiros os versos errados que lá tem — foi sempre um pessimo poeta, embora seja um prosador distincto. Mas, não se desconsolle s. ex.^a: a culpa é mais dos editores — com raras excepções, manteigueiros que tudo compram e vendem — do que nossa!

Recorda-me, tambem, que no dia da inauguração das salas da redacção da revista theatral *Ferros Curtos*, de que fui o mais humilde dos collaboradores, s. ex.^a, sentado n'um *divan*, ao pé de mim, me pediu para que o levasse uma noite a vêr ensaios de *cégadas*, porque tinha muito gosto em fazer um estudo sobre o assumpto. E' possivel que o sr. Forjaz se não recorde d'isto, porque o dia era de festa e s. ex.^a estava um pouquinho *entra-do*. . . — o champagne correrá a expensas do distincto escriptor sr. Leandro Navarro, director da referida folha — e não havia lá guitarra, diga-se de passagem. . .

N'essa occasião disse eu ao sr. Forjaz, e de novo l'ho repito, que os meus humildes trabalhos de carnaval eram despreziosos versos para o povo, mas que encerravam uma certa critica e um grande fundo de moralidade. Orgulho-me d'elles, como me orgulho do Fado, e não me sentirei offendido, absolutamente nada, se s. ex.^a, na sua chronica d'*A Lucta*, me alcunhar de *rabiscador de cégadas*.

Como fadista, nunca usei outra arma que não fosse a penna humilde, mas honesta — e repare s. ex.^a que nem todas as pennas o são! — com que escrevo o melhor que posso e sei. E, fóra d'isto, prezo-me de ser um operario laborioso e honrado, a quem toda a gente, e de todas as classes, pôde apertar a mão sem escrupulo. Eu é que não sei se a todos a apertaria. . . — permitta-se-me este orgulho, que é a minha unica riqueza.

E agora vamos ao Fado.

Tem v. ex.^a a monomania de desenterrar os mortos. Ha mezes, assim procedeu para com o fallecido escriptor Silva Pinto, o que levou o sr. dr. Carlos Amaro a dizer-lhe palavras asperas — que não desejo recordar — nas co-

lumnas d'A *Capital*. Agora, lembra-se v. ex.^a de desenterrar o cadaver da pobre Candida, *camareira*, com o fim de embebedar meia Lisboa por meio do absynthe estonteante do seu prodigioso espirito!

Ora o extracto da *Prosa vil*, referente ao Fado, é tanto mais desprovido de senso e de verdade, quanto é certo que a pobre Candida *nunca cantou o Fado!*

Repugna-me, sobremaneira, bulir na carcassa da infeliz rapariga, cujos formosos olhos são, de ha muito, pasto dos vermes da terra. E', todavia, necessario que o faça, para que não passe sem réplica o descabellado artigo de v. ex.^a.

Se a Candida não cantava o Fado, o que tem a canção com a Candida, ou esta com a canção?

Em face do confusionismo estabelecido no artigo de v. ex.^a — em que adrede se mistura o Fado-Canção, com o *fado-meia-porta*, já agora mania dos *moralistas*... — uma pergunta se me offerece:

O que pretende v. ex.^a criticar? A prostituição ou o Fado que se canta?

Nada tem que vêr uma coisa com a outra. Vamos por partes. Visto tratar-se da Candida, implicitamente se trata de prostituição. Queira, pois, v. ex.^a depôr a guitarra e calar o *dlin, dlin*, que eu no proximo domingo fallarei do que respeita ao prostíbulo.

VI

Ninguem ignora que a prostituta nasce tão virgem e tão casta como as nossas filhas, as nossas esposas, as nossas mães e as nossas irmãs. Empurradas um dia para o tremedal do vicio, eil-as perdidas para sempre, chafurdando no opprobrio, na ignominia, na mais degradante das abjecções: — Vender o corpo.

Então, a multidão ignara, chasqueia-as, dirige-lhes vaias, insultos, imprecações, e os homens — os homens! — transpõem o limiar do alcouce e lá vão, a troco d'uns miseraveis vintens, saciar, n'um corpo insensivel, toda a

sua lascívia, toda a sua animalidade bestial e nojenta! E a desgraçada — perfeito vasadouro publico — esconde, debaixo da mascara de tinta que lhe cobre o rosto, toda a sua magua, toda a sua dôr, afivelando um sorriso pallido, para agradar ao *dandy*, ao vadio, ao faquista, ao operario, ao rufião, a toda a escala social, enfim! — porque aquella carne tudo consente e para tudo serve!

«Mas — dir-me-ha v. ex.^a — ellas são desgraçadas porque querem; porquanto, não é raro vêrmos bellas mulheres espadaudas e fortes às portas dos prostibulos. Porque não vão trabalhar?»

Porque é tanto mais facil *descer*, quanto é difficil *subir*! Uma vez cahidas n'aquelle abysmo purulento, prende-as lá o meio ambiente, a propria degradação, o proprio vicio. Raras são as que, mais corajosas, conseguem escapulir-se; e, essas mesmas, são a cada passo apontadas a dedo com desdem, tal como succede a algum raro homem que se lembre de erguel-as até si e restituil-as á honestidade!

E quem prostitue a Mulher?

V. ex.^a o sabe, tão bem como eu. Somos todos nós, os homens, os moralistas, os conscientes, os reis da criação! Saciada a nossa sensualidade, desprezamo-l-as, damos-lhe um pontapé, e — como v. ex.^a faz á pobre Candida — fallamos desdenhosamente d'esses farrapos da miseria humana, d'esses trapos sujos de que a cada passo nos servimos, e que são — nem mais nem menos — o producto directo da nossa infamia, da nossa baixeza, da nossa indignidade!

Para mim, aquella corriqueira phrase expellida por bocas conspurcadas e atirada á via publica através de verdes taboinhas: *Adeus, ó sympathico!* — não é a phrase banal que a v. ex.^a parece. É um grito de dôr, um poema de agonia acerbá, uma lagrima de amargura, em que, n'um momento de uma rapidez cêlere, a infeliz photographa toda a magua do presente e quanta saudade revivida de uma infancia longinqua e serena!

Isto é a prostituição! O miseravel exercito em que serviu a pobre Candida!

É muito facil ser critico, sr. Albino Forjaz de Sampaio! E é exactamente por isso que v. ex.^a diz, com emphase despretativa, ao referir-se á infeliz mulher, no extracto da sua *Prosa vil*:

Morreu a Candida, *camareira*...

...E tão convincente era o elogio jornalístico, que mais parece que a Candida era cá da classe.

Põe a gente a alma a meia haste, não ha remedio!

Não era, não senhor, illustre critico. A Candida não pertencia lá á classe dos jornalistas, felizmente para ella! Será facil, talvez, polluir o corpo de uma mulher, mas prostituir-lhe a alma custa mais! Eis porque a Candida não era lá da classe. No triste commercio d'essa indifosa rapariga aluga-se o corpo, vendem-se os beijos. Ao balcão da imprensa, porém, mercadeja-se a consciencia, prostitue-se a alma, vende-se a penna, ignobilmente, a quem mais dá, n'um leilão ignominioso e tristissimo!

É claro que, d'estas porcarias vis, affasto eu, com o devido respeito, os jornalistas dignos, honrados e sérios, que ainda os ha. Parece-me ouvir agora o illustre Silva Pinto, referindo-se a um dos *taes*, com aquella simplicidade orgulhosa que o caracterisava: — *Eu, que apertei a mão a Camillo Castello Branco, chego a envergonhar-me de ser jornalista, por ser forçado a chamar collegas a pulhas d'este quilate!*

De resto, não seria preciso que Silva Pinto assim fallasse. Já Balzac, na sua *Comedia humana*, traçou com mão de mestre o perfil dos *taes*!

*

Ora a *destrambelhada creatura* — como v. ex.^a torpemente chama á Candida — nunca cantou o Fado. Logo, o sr. Albino Forjaz de Sampaio saltou por cima da verdade, como rolha de cortiça por sobre a crista das vagas.

Feia coisa é a mentira, sr. Forjaz. E v. ex.^a mentiu com inaudito descaro, talvez pelo simples prazer de botar

figura e alcançar novo triumpho no cultivo das lettras patrias! Ephemera gloria essa! Se v. ex.^a conta entretecer a sua corôa de louros com esse pedaço de vil prosa, já-mais se guindará á posteridade!

O sr. Forjaz *forjou* muito mal o seu artigo, por duas rasões: Primeira, porque a Candida não cantava o Fado, e a celebridade que os *collegas de v. ex.^a, na imprensa*, lhe deram á hora da morte, foi devida ás circumstancias em que a rapariga morreu, e das quaes a imprensa se serve para armar aos *lepes* do Zé papalvo. Segunda, porque o sr. Albino Forjaz de Sampaio não tem auctoridade moral para condemnar o Fado.

E vou provar-lh'o.

V. ex.^a deve lembrar-se — a não ser que o barbeiro, ao cortar-lhe a emmaranhada cabelleira de outros tempos, lhe cortasse tambem a memoria. . . — de quando frequentava a taberna do Alfaya, ali ao Bairro Alto, e mostrava uns versinhos de pé quebrado, que então rabiscava, a um amigo commum de nós ambos. N'essa epocha dizia v. ex.^a que o *Fado* muito lhe agradava e que era a melodia que melhor se coadunava com o seu temperamento de *neurasthenico*!

E, com esses versinhos e outros que fez, cantava o sr. Forjaz *furiosamente* o Fado, no convivio intimo de amigos. Ainda está vivo, felizmente, o meu amigo João David — excellente guitarrista e um dos melhores dedilhadores do *clin, clin* — que se fartou de tocar para v. ex.^a cantar, em languidos fados balladas, os seus versos de *neurasthenico* fadista! Possui elle uma photographia — que não dou a publico, por não estar em estado de ser reproduzida em gravura — tirada á mesa d'um parente de um solicitador conhecido em Lisboa, onde figuram a *guitarra, v. ex.^a e a sua cabelleira*, depois de ter passado horas agradaveis, de livro espetado na dextra, a cantar o *rigoroso* que hoje pretende condemnar!

Que auctoridade moral tem, pois, v. ex.^a para dizer mal do Fado?!

Oh! Albino!

Oh! Forjaz!

Oh! Sampaio!

Oh! Albino Forjaz de Sampaio! Em que becco sem sahida, se metteu!

Desejará v. ex.^a agora fazer acto de contricção, á laia de Magdalena arrependida? E' possível.

Ah! Mas eu é que não serei o Christo complacente que lhê perdôe o arrojo de condemnar a canção nacional, depois de se *desunhar* a cantal-a furiosamente!

Tenha o meu *fadista* collega paciencia, mas ha de ouvir-me! Ou, então, não afinasse a guitarra...

VII

Apesar de acerrimo defensor da canção nacional, estou convicto de que o sr. Forjaz não irá suppôr que eu tenho a desvairada pretensão de querer levar os governos a instituirem nas nossas universidades uma *Faculdade de Fado!*... Isso seria ouro sobre azul... Então já eu era doutor ha que tempos, e — quem sabe? — talvez menos pernicioso á sociedade que a maioria dos advogados e dos theologos. Mas não. Já ha doutores de mais, e confesso que tenho pena que v. ex.^a não possa usar esse desvirtuado *soubriquet*, tanto em voga na nossa terra! Ficava-lhe muito bem, porquanto o sr. Sampaio, se fosse *doutor*, melhor e mais auctorizado seria para dizer rendilhadas barbaridades e estupidificantes mentiras!

Não o sendo, todavia, nem por isso deixa de torcer a verdade a seu bello-talante, revelando-se de uma incoherencia maxima no seu artigo. Silva Pinto costumava dizer muito portuguezmente: *Este mundo é torcido como um corno!*

Tinha rasão o insigne auctor dos *Combates e criticas*. E v. ex.^a é o primeiro a corroboral-a, pela facilidade com que torce a verdade. Maior prodigalidade de mentiras e de incoherencias, como as que eivam o seu artigo, não pôde haver! Mentiroso, nas referencias á Candida; incoherente, quando condemna o Fado — que já cantou e de

que tanto gostava! — chamando-lhe *uma canção de vadios, um hymno ou um desabafo de criminaes!*

Ainda não ha muito tempo que o meu illustre amigo e glorioso luminar da arte dramatica portugueza, sr. Eduardo Brazão, me convidou para tomar parte, cantando o Fado, n'uma recita que andava ensaiando em casa de uma das familias mais distinctas de Lisboa. Acresce ainda — e o sr. Forjaz é o primeiro a reconhecê-la — a circumstancia de que os maiores poetas de Portugal teem enriquecido a nossa litteratura com mimosos versos destinados ao fado. Vem tambem a proposito transcrever um pedacinho do prefacio do meu pobre livro *A Canção Nacional*, que eu devo á velha amisade da notabilissima escriptora e poetisa D. Angelina Vidal — para mim a primeira intellectualidade de mulher portugueza, a despeito da avalanche de *masculinas* que gravitam em torno das letras, anciosas de *juppe culote* e tresandando a batel. — Diz D. Angelina Vidal:

O fado é para nós outros o que é para a Suissa o *ranz das vaccas*, de suggestiva melodia.

Sob essa deliciosa toada local repousando sobre tres notas — tonica, terceira e dominante — como que vemos desenrolar os seus lagos de prata, onde se remiram alterosas montanhas amantilhadas em sorridentes pascigos.

O *ranz das vaccas*, é d'ali — é a alma de Guilherme Tell — é a paz na liberdade — é a liberdade na paz.

Ouçam agora a Canção Nacional, ao som da portuguezissima guitarra... ouçam-n'a alta noite, quando o mysterio se agasalha em estrellas, ou ao cahir da tarde, quando a vaga melancholica desce ao coração das coisas e obscurece as infamias da vida... Cada nota d'essa melodia é uma lagrima de saudade... Cada trémulo, um ecoar de tempos idos... Cada suspensão, miragem de memorias revividas!

Depois d'isto, se o fado é *canção de vadios*, eu tenho immenso prazer em ser condemnado como tal, por isso que, *com tão boa companhia*, Timor transformar-se-hia n'um oasis delicioso e ridente, n'um verdadeiro paraizo terraqueo! E v. ex.^a teria de soffrer pena igual, como

velho fadista que é! Acompanhar-nos-hia o João David com a sua guitarra, para que v. ex.^a se não privasse, mesmo nas florestas africanas, de ouvir o *dlin, dlin*, ao som do qual recordaria as suas trovas de *radio* incongruente!

Diz o sr. Forjaz de Sampaio que *o fado é absolutamente incompatível com as virilidades de uma raça forte, aladroadada e corsaria, batalhadora e fêra, que a nossa foi.*

Eis outra barbara mentira do desconnexo artigo de v. ex.^a! Basta recordar esta quadra:

Defender os patrios lares,
dar a vida pelo Rei,
é dos lusos valorosos
caracter, costume e lei.

que se deve á penna do immortal poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. E não vale a pena transcrever tambem as glosas do sublime *Elmano*, porque a quadra chega para desmentir a nescia afirmativa de v. ex.^a. — Mais *aladroadada, forte, batalhadora e fêra*, não pôde ser!

Quanto á phrase *sentimentalidade canalha*, que o sr. Forjaz attribue a Camillo, resta-me saber se ella não seria arrancada *ad hoc* de qualquer livro do Mestre, para ser encaixada no artigo de v. ex.^a. O que sei, porém, é que o notavel auctor da *Mulher fatal tocava guitarra e cantava os seus versos*, segundo o affirma o sr. Alberto Pimentel no seu livro *Amores de Camillo*. E, por consequencia, incontestavel que Camillo Castello Branco tambem foi *vadio*!

Vou pôr ainda deante dos olhos de v. ex.^a uma carta ha dias recebida, escripta pelo distincto guitarrista sr. Diamantino Mourão, que, sentindo-se justamente melindrado nos seus pruridos de artista de merito, m'a enviou para esta redacção. Eil-a, na integra:

... Sr. — Ha vinte e tres annos que eu, *no nosso paiz e no estrangeiro*, tenho sido um incançavel propagandista da bella musica o Fado, executando-o no instrumento a que elle é mais adequado — a guitarra.

Pois, em toda a parte onde me fiz ouvir, fui sempre victoriado com entusiasticas manifestações de applauso, conforme posso provar com os jornaes que ainda conservo e nos quaes se fazem as mais bellas referencias ao *Choradinho* e *Corridinho*.

Esta minha carta tem unicamente o fim de lhe dizer que, não tendo a honra de conhecê-lo, o felicito pela sua campanha levantada, em favor do Fado, n' *A Voz do Operario*. Os seus artigos, que tenho lido com todo o interesse, são a verdadeira execução do sr. dr. *Felix*.

Nunca as mãos lhe dôam!

Esta carta, como se vê, não só valorisa o Fado, como serve para mostrar aos seus detractores que, em toda a parte, elle é apreciado — *no nosso paiz e no estrangeiro* — ao contrario do que pretende affirmar o snob sr. Paulo Osorio, que, n'uma carta de Paris para *O Seculo*, referindo-se á apresentação do quadro de Malhóa no *Salon*, diz que *os estrangeiros não gostam do Fado, nem mesmo do de luva branca cantado por estudantes!* O sr. Paulo Osorio — especie de *dandy* das letras, doido por luvas e talvez por espartilhos — é claro que prefere ao Fado — e supponho que ao *trabalho que é bom para pretos* — quedar-se *enluvado, espartilhado* e embevecido a olhar as elegantes da Rue de la Paix, ou a binocular aphrodisiacamente as formosas parisienses na *Comedie* ou no *Vaudeville!*

E para comprovar a falta de senso do sr. Paulo Osorio e dos demais detractores do Fado, basta recordar os applausos recebidos pela illustre *divette* — velha, mas *sempre rapariga* — Mercedes Blasco, em Hespanha, em França e na Inglaterra!

Obtempera v. ex.^a, porém, que o Fado *subiu até aos fidalgos, quando os fidalgos desceram até aos fadistas.*

E' uma grande phrase e de seguro effeito para final de acto!... Olvidou-se, no emtanto, o sr. Forjaz de accrescentar que os fidalgos, descendo até ao povo, honram-se! E' o povo, com o seu braço productor, que lhes pinta os brazões, que lhes construe os palácios, que lhes manufactura os automoveis e lhes prepara o bem-estar, em que

vivem parasitariamente. E os fidalgos, levando o Fado para os salões, depois de confraternisarem com os filhos do povo, levaram implicitamente o mais bello pedaço da alma popular! Fundiram no mesmo amplexo a alma plebéa e a aristocratica! Eis porque o Fado se nacionalizou. Fidalgo foi D. João da Camara e tantos outros artistas da penna! E nenhum d'elles se envergonhou do Fado nem do Povo! Pouco importa, pois, que o sr. Forjaz se enoje agora... á laia de fadista arrependido!

Descendente de reis e imperadores, é Kropotkine; e, todavia, abandonou um throno e todas as grandezas para descer até ao povo, a ensinar-lhe a sublime sciencia da perfectibilidade humana!

Matar o Fado, seria matar a Arte! Seria menosprezar a melodia, menoscabar tudo que de mais artistico e sensibilizador ha na musica: — a Harmonia! Destruil-a, é destruir Bach; é destruir Wagner, é amesquinhar Beethoven, é trucidar Chopin!

Morta a Harmonia, morrem inevitavelmente a *Walkyria*, a *Avê-Maria de Gounod*, a *Cavalleria Rusticana*.

Deixe-se d'isso, sr. Forjaz! Que quer v. ex.^a que ensinemos ás nossas costureiritas, — que, aliás, nada teem com *bailhões*, como o sr. Forjaz pretende — ás nossas mulheres, ás nossas filhas? Havemos de ensinal-as a fazer... *cançonetas*? Está n'isso a Moralidade? Lá me parece estar vendo v. ex.^a, com dois centímetros de lingua fóra da bocca e azuladas olheiras de onanista insatisfeito, assoberbado por um lampejo de esperanza de *posse*, n'um espasmo de goso, fitando os requebros canalhas e a belleza plastica de qualquer *chanteuse* de contrabando, em theatro barato!

Oh! o *maillot*, o *maillot*!... Que tentação!

E, terminando por hoje, recommendo ao sr. Forjaz a leitura do jornalsinho *O Fado* — porque os fadistas tambem teem o seu orgão na imprensa! — para que possa apreciar as verdades que lhe diz o meu presado amigo Luiz de Athayde.

E já agora, como todos lhe chegam, transcrevo do jor-

nal *A Lanterna*, dirigido pelo meu amigo e popular escriptor Arthur Arriegas, e por elle escripto, este trecho:

A guitarra, na bocca de certa gente, é um instrumento bandalho, porque nasceu na taberna.

O piano é filho da *élite*, mas tambem entra nos cafés de camareiras e nas salas das meretrizes; como outr'ora houve um na rua do Crucifixo, em casa da celeberrima *Lavradeira*...

O piano desceu ao lupanar.

A guitarra elevou-se aos salões da *aristocracia-fadista*...

A critica do *dr. Felix*, ao *Choradinho*, só póde ser tomada como réclame á sua *Nutricia*, ás farinhas que eu não tomo, apesar do meu padecimento intestinal, porque já as experimentei sem resultados satisfatorios...

Albino Forjaz de Sampaio critica o Fado, como criticou o grande Silva Pinto depois de morto!

Está peor da *pinha*!

Não será, portanto, á falta de *guardanapos* que v. ex.^a deixará de se assoar...

VIII

Estou archi-espantado do silencio de v. ex.^a! Nem sei mesmo como interpretal-o!

V. ex.^a, que tão facilmente sabiu á estacada condemnando o Fado, fazendo d'elle uma coisa horrorosa e tragica, e analysando-o, por assim dizer, com a sobranceira philosophia de Schopenhauer, embora com uns laivos do humorismo de Demócrito calar-se agora, que mais precisava defender-se e á sua prosa, é caso para perguntar-lhe: Que fez o sr. Forjaz á phosphorescencia brilhante e pérfida da sua critica? Porque não abre v. ex.^a a valvula do seu espirito scintillante e stoico, com que costuma deliciar as turbas maravilhadas dos requintes deliciosos da sua prosa? Terei eu de me rir de v. ex.^a, como Molière se ria dos pedantes litterarios?

O *dr. Felix* atacou o Fado e retrahiu-se cobardemente, fugindo á discussão. V. ex.^a, pelo que vejo, usa da mesma pusillanimidade. Curioso paradoxo: o homem que cau-

tou o Fado e muito gostava d'elle, não sabe o que é o Fado!

Tinha rasão Voltaire, quando disse: — *A peor das ignorancias, é a ignorancia dos criticos.* E v. ex.^a prova a sua ignorancia sobre o assumpto, fugindo ao criterio positivista da analyse pela polemica, que tinha o dever inadiavel de estabelecer. Diz Goethe que *quem não tem o seu bocadinho de vaidade, pôde ir enforcar-se*; e o sr. Forjaz, respondendo-me, teria occasião de envaidecer-se com o brilho irradiante da sua prosa, ao pé da qual a minha fica a perder de vista!... A minha prosa é humilde e desataviada; veste muito *à portugueza*, de chale e lenço; pouca figura faria, pois, junto da de v. ex.^a, que traja *sãia travadinha* e chapéu de plumas...

De ha muito que o sr. Forjaz é para mim um artista de molduras reluzentes e vistosas, mas um fraco pintor de télas, onde a *nudez forte da Verdade* se case e harmonise com o *manto diaphano da phantasia*. E v. ex.^a sabe que um Rubens ou um Rembrandt, mesmo encaixilhados em tosca moldura de pinho, são sempre télas de valor incontestavel; ao passo que uma moldura, artisticamente feita, bem dourada e cheia de rendilhados formosos, não pôde valorisar uma oleographia mediocre que lhe sirva de recheio! Eis o que se dá com as criticas de v. ex.^a, — principalmente com a que se refere ao Fado — a moldura é bonita, mas a téla não vale nada. Ou, n'uma imagem mais chã: tudo côdea e nada de miolo, que é como quem diz: *por fóra cordas de viola*...

Supponho, todavia, que o sr. Forjaz ainda me ha de responder. E, se o não faz agora, é, sem duvida, para não falsear o seu programma. V. ex.^a habituou-se a desenterrar os mortos, e, por esta rasão, estou plenamente convencido de que o sr. Forjaz está á espera que eu morra para então dizer de sua justiça e atacar-me *criterosa e valentemente*...

Atinei?... Então lá espero na valla commum e no silencio sepulchral da *campa fria*... — até dá vontade de dizer isto a cantar! — que o illustre ex-cabel-

hudo fadista vá exumar-me, para então me fazer a autopsia!...

Antes d'isso, porém, como a morte está certa, vamos á vida, isto é, ao resto do extracto da sua *Prosa vil*:

Está-se a vér pedir um logar no pantheon para o *Calafate*.

Assim diz, desdenhosamente, o sr. Forjaz. E acrescenta:

Esta apotheose não admira n'um paiz de correccionaes.

Não está certo.

O velho respeitavel que se chamou *Calafate*, foi toda a vida um famelico, um operario honesto, um fautor da riqueza publica, um escravo preso á gleba, como eu. Nunca aspirou a ter um pantheon que lhe guardasse os ossos, aliás, tão veneraveis como os de qualquer outro mortal que fosse, pelo menos, trabalhador honrado como elle. Sem embargo, se não teve um pantheon, gosou a felicidade suprema de ouvir da bocca de Guerra Junqueiro palavras de infinita doçura, elogios de requintada sinceridade, á sua obra, á sua intelligencia de analfabeto, que, n'um esforço supremo de cerebrisação inculta, soube arrancar da lyra d'alma — a mais honesta e rica de todas — maviosissimos sons, a que a prosa vil de v. ex.^a não chegará nunca! Guerra Junqueiro ouviu o pobre *Calafate*, com aquelle recolhimento proprio do seu altissimo espirito. Mas creio que se conserva surdo ante os guinchos gutturaes de criticos paranoicos, e cego para as cabriolices e cambalhotas obscenas de certos palhaços da litteratura indigena!

Assim é que está certo.

Quanto a vivermos n'um *paiz de correccionaes*, parece-me exaggero. Se assim fosse, não andava v. ex.^a á solta, pelo menos depois das lindas mentiras que disse sobre o Fado...

Tolstoi disse que *a disciplina é a Morte da Rasão e da*

Liberdade. E eu, como sou um indisciplinado, atrevo-me a dizer que os portuguezes, chorando por Miguel Bombarda, pranteiam menos o patriota e o tribuno, do que o alienista insigne. Tenho todas as razões para julgar que todos nós choramos, n'essa perda irreparavel, o grande psychiatra, o medico illustre, o eminente director do hospital de Rilhafolles!

Fez muita falta, fez! O desequilibrio mental da maioria dos criticos da nossa terra perdeu, com a sua morte, a esperança de cura....

Refere-se o sr. Forjaz ao poeta francez Bruant, em cujas canções, diz, se faz a *apothose do Crime*. E — comparando-as ao Fado — accrescenta v. ex.^a que ninguem chamará *nacionaes a essas canções*, porque, quando muito, *canção nacional é a Marselheza!*

Ora eu não conheço o livro *Dans le Rue* do poeta Bruant. Isso, porém, não obsta a que eu affirme cathegoricamente que tambem não conheço o Crime!

Que vem a ser o Crime, sr. Forjaz de Sampaio?

E' Bonnot? E' Garnier? E' o roubo de uns testões, o furto de um pão, o estado morbido d'um cerebro obtuso, impulsionado pelo desespero da miseria, que mata, allucinado?

E' isto o Crime? Será para v. ex.^a. Para mim, o Crime está do lado opposto. Está na organização social, em que o Luxo insulta impunemente a Miseria. O Crime está precisamente no *castigo e na repressão!*

O Crime, é Montjuich em Hespanha; é Toulon e a guilhotina em França; é a guerra italo-turca; é o ataque á Casa Syndical de Lisboa; é o encerramento na Penitenciaria, de operarios indefezos; é o decreto das grèves do sr. Brito Camacho — protector, amigo e patrão de v. ex. —; é a exploração do homem pelo homem; é a tremenda desigualdade social que gera todas estas iniquidades inqualificaveis e dissolventes! Isto é que é o Crime. Mas, ao lado d'este crime, está v. ex.^a na *Lucta* muito *democratica* e camachianamente! E, tanto assim, que applaudin essa infame cobardia praticada em Paris, onde

2:000 homens armados não duvidaram ir contra dois, dando ao mundo o espectáculo mais anti-civilizador, ignobil e nojento que um cerebro de *criminoso* poderia idealisar!

Pelo que respeita à *Marselheza*, é simplesmente irrisoria a opinião do sr. Forjaz, accimando-a de canção nacional. A affirmativa é tão pueril, que cae pela base, ao menor sopro! O *Calafate* ou a *Candida*, *camareira*, eram incapazes de conceber tão asnatica banalidade! Basta saber-se que a *Marselheza* é um hymno nacional, e os hymnos nacionaes teem, em geral, a vida ephemera das instituições. O *hymno da carta* cahiu com a monarchia; a *Marselheza* ha de cahir com a republica, para dar logar à *Internacional*, certamente a sua successora! Ao passo que as canções nacionaes vivem sempre! E, por viver ha seculos, transmigrando de geração em geração, sempre arreigado — com mais ou menos variantes — na alma popular, é que o Fado é a canção nacional. Percebeu, sr. Forjaz? O Fado vive — pelo menos emquanto viver Portugal, vá lá esta affirmativa patriotica de quem não é patriota — como canção nacional, e nem v. ex.^a nem o *dr. Felix*, nem, seja quem fôr, serão capazes de matal-o!

Mas o sr. Albino Forjaz diz, com aristocratico desdem, terminando o seu mentiroso e balofo artigo:

O Fado, canção nacional? Que o fado seja canção da minha rua, se eu morasse na travessa da Agua de Flôr, vá; mas que elle seja a canção da minha patria!?

Só agora reparo que ia tomando isto a sério. Vá, contuem, meus senhores. Iamos nós...

*Quando o fado é rigoroso
nada vale ao infeliz...*

A *Candida*, a *Candida*, é que cantava isto na perfeição.

Eu estou mesmo a vêr d'aqui que o sr. Albino Forjaz de Sampaio — enojado da travessa da Agua de Flôr — habita, por certo, n'algum rico palacete de architectura bysantina, em bairro aristocratico! E' muito possivel que

assim seja, desde que o *Senhor do Cathariz* o transformou, de simples fazedor de sommas por escriptorios da Baixa, em che'e archivista do ministerio do fomento!... Todavia, nos bairros aristocraticos tambem ha prostitutas, com a aggravante de se confundirem com as senhoras sérias, por isso que umas e outras vestem pelo ultimo figurino e todas arrastam sedas ao rigor da Moda... Ao passo que na travessa da Agua de Flôr mais facilmente se distinguem as *rascôas de sapato de verniz e saia vermelha* da muita gente séria que lá móra. Parece-me, portanto, mais pernicioso a promiscuidade dos bairros ricos... A gente não as conhece!...

Ha tanto ladrão de casaca e chapéu alto, tanta rameira emplumada e bem vestida!... Vá lá a gente adivinhar!... De resto, as heroínas de Alphonse Daudet e de Alexandre Dumas, são perfeitamente eguaes, em mercantilismo de caricias, a todas as meretrizes da terra. Tanto faz chamar-se Margarida Gauthiér, como Severa; Sapho, como Candida. A prostituição não deve ter gerarchia, creio eu! E' uni'orme, homogenea, igual. Infamissima rameira foi Leonor Telles e, no êmtanto, sentou-se no throno de Portugal! Isto prova — sem contestação possível — que, se as casas da travessa da Agua de Flôr, ou de qualquer bairro pobre, teem abrigado corpos polluidos de mulheres perdidas, os palacetes dos bairros ricos e os alcaçares reaes tambem teem sido moradia de prostitutas doiradas! Tão ladrão e assassino foi Carlos IX, de França, como o Diogo Alves. O caso é o mesmo.

Mas, voltemos ao *clin, clin*. Fique o sr. Forjaz sabendo que a canção nacional é a trova de propaganda social, que não canta só o amor e a saudade; é, tambem, e primordialmente, o escalpello com que se dissecam as infamias da vida; o latego com que se castiga o Rei Milhão; o chicote com que os poetas populares fustigam a mentira do patriotismo, o embuste da religião, a selvageria das touradas, as incoherencias mercantis do jornalismo, e todas as orthodoxias archaicas e sensualidades dissolventes! Porque o Fado, não é sensual como v. ex.^a affirma.

Sensual é a dança — desde o fado que se *bate* e com o que a canção nada tem, até ao maxixe pinoteado nos bailes campestres. Isso é que v. ex.^a deve condemnar como immoral e perverso! O baile é a ante-câmara do Vício; porque ninguém dança pelo prazer de cultivar a arte de Terpsychore. Dança-se mais pela calorimetria resultante do roçadilho dos corpos. . . Nos salões, no turbilhão das valsas, mergulham-se os olhos ávidos de luxúria nos decotes dos vestidos, que deixam vêr tímidos seios, estuando de goso sensual e rescendentes a *peau d'Espagne!* Trocam-se beijos estonteantes, no meio das piruetas choreo-graphicas, marcam-se entrevistas adulterinas, conspurca-se a honra, suja-se a honestidade, macula-se a innocencia! Nos bailes de mais baixa esphera, acaba-se quasi sempre, em hospedaria barata.

Escalpellise v. ex.^a esse cancro e deixe lá o Fado!

Diz o primoroso poeta Julio Dantas:

Ande a imaginativa por onde ande,
 ser humilde, ser claro, pelo menos :
 — Porque a melhor maneira de ser grande,
 é fazer-se entender pelos pequenos.

É os *pequenos* entendem tão bem o Fado, que o tomaram como canção nacional, presenteando os *grandes* com elle. E' assim que hoje todos o cantam. E eu, que sei que dentro d'elle cabem todas as imagens poeticas, todas as cavatinas melodiosas da alma popular, lagrimas e sorrisos, dôres e alegrias, apezar de ha muito o não cantar, quando v. ex.^a quizer certificar-se melhor do que elle é, mande-me dizer, que eu prometto-lhe uma sessão de Fado, em que mais uma vez o desafie a combatel-o, cantando, já que v. ex.^a se não defende escrevendo. Em querendo, dê-se ao trabalho de ir até á rua General Taborda, 35, r/c., D. — uma casita pobre cheia de ar e luz, acolá a Campolide. O passeio é hygienico — mórmente quando não ha um *pataco* para o carro — e o sr. Forjaz poderá fazer uma *perninha* cantando uma das suas trovas de *in illo*

tempore... E não fique descontente por eu não morar na rua dos Vinagres... Era o seu desejo, confesse!

Em face da cobardia do silencio, vou terminar, mas não sem que me dê ao trabalho de paraphrasear o seu artigo:

.....
Só agora reparo que ia tomando a sério o *dr. Felix* e o auctor da *Prosa vil*... Vá, continuem, meus senhores! Iamos nós...

Allons les enfants de la Patrie
Qui le jour de gloire est arrivée

.....
Aux armes, citoyens!
.....

O Albino, o Albino é que canta isto na perfeição!...

*

P. S. — Tencionava pôr termo a este assumpto no proximo numero, fazendo umas considerações para o publico. Não o posso fazer, porém, pela razão de na ultima terça-feira ter lido na *Hygiene Pratica* de *O Seculo* — escondido, em typo meudo, entre as perguntas e respostas do *dr. Felix* — umas linhas em que um *homemsinho* diz que o Fado não é musica! O citado *homemsinho* apresenta-se mascarado com um pseudonymo. E não julguem os leitores que se contentou em assignar a coisa com o nome de qualquer simples tocador de realejo. Não, senhores! O homem assigna *Schumann*, um dos nomes mais illustres dos maestros mundiaes! Até dá vontade de lhe dizer: — *Sempre 'stás c'uma vaidade, ó coiso!*... — E o *dr. Felix*, sentindo-se naufragado e sem argumentos para responder-me, a par d'umas dentadinhas nimosas que dá no Fado, convida o tal *Schumann* de contrabando a provar que o *fado não é musica, mas sim um batuque!*

Pois que venham todos os *Schumann*, *Wagner*, *Mozart* ou *Rossini*, da lavra do *dr. Felix*, *batucar à von-*

tade, que eu cá os espero serenamente sem o mais pequeno vislumbre de receio.

Não soffre contestação que o *dr. Felix* arranjou uma *corda* tão grande, que chega para o enforcar a elle, ao Albino, ao *Schumann* e a todos os detractores do Fado havidos e por haver. Primeiro que morra o Fado, ha de morrer a *Nutricia*... e eu cá estou para cantar-lhe o *requiescat in pace*, á guitarra.

“Schumann,,

IX

Decididamente, os detractores da canção nacional são systematicamente poltrões! Apresentam-se de cota de malha, de elmo luzidio e de lança em riste, á semelhança de Albuquerque, o *Terribil*, parecendo que, na bellica furia guerreira, vão varar de lado a lado a infeliz trova e conquistar este mundo e o outro, o *diabo e sua mãe* — como diria o sr. Forjaz. Mas, qual!... Assim que de'rontam o *inimigo*, fogem tão *corajosamente*, que não ha pernas que os agarrem!... Em fanfarronadas quixotescas sobrelevam em extremo o heroe de Cervantes!

São d'um comico irresistivel os censores do Fado! De *D'Artagnan* só teem os impetos gascões, e mais nada!

Esperei, pacientemente, até á ultima quarta-feira — dia em que era forçado a mandar o original para *A Voz* — ancioso por vêr na *Higiene Pratica d'O Seculo* a confirmação da *opinião musical* do mascarado *Schumann*. Li a coisa d'alto a baixo, ri com as gracinhas *esfusiantes* do *dr. Felix*, mastiguei em secco todas as farinhas e mais drogas da *Nutricia*, ingeri o réclamo ao livro *Por terras estranhas*, do sr. Samuel Maia, sorri perante as gentis dentadinhos que o mimoso *dr. Felix*, aqui e além, dá no *Choradinho*... mas, com respeito a *Schumann*... nem a sombra! Quando suppunha que poderia hoje exclamar: *ecce homo!* e dar a *mão á palmatoria*, derrotado pelos

conhecimentos transcendentales da Divina Arte, que o citado *Schumann* deve possuir, (?) soffro a cruel desillusão de ter esperado debalde!

Sou, pois, obrigado a *cantar* sem a *musica* de *Schumann*, isto é, terei de limitar-me a transplantar para aqui a ferroada *musical* do cavalheiro em questão, e que reza assim :

521.^o P. — Se voltar a fallar do *Choradinho*, e sendo um benemerito com os seus conselhos sobre hygiene, seja-o tambem publicando o seguinte: O fado não é musica e ninguem deve vulgarisar as más composições; ao contrario, ajudar a supprimil-as e com energia. (*Schumann*).

A isto responde o *dr. Felix* que *Schumann* tem razão, que o fado é uma *aria cafreal* e que não é musica, mas sim um *batuque*. E o *dr. Felix* açula *Schumann* para que prove a sua affirmativa. Todavia, como *Schumann*, ao que parece, nunca mais *toca*, resolvo-me eu a *cantar* :

Não sou musico, mas tenho, felizmente, a intuição musical. E mal de mim se não a tivesse! Considerar-me-hia abaixo do *dr. Felix* 40 graus... E', mercè d'essa intuição, que eu sinto bem dentro d'alma as vibrações melódicas do Fado, como sinto e comprehendo tudo que na musica é harmonia. Ora, como desde o inicio d'esta campanha, nem o *dr. Felix* nem o sr. Forjaz foram capazes de me contradictar — porque não teem argumentos para isso; se os tivessem já me tinham machucado, a mim e ao Fado — eu vou provar com factos ao invisivel *Schumann* que a canção nacional é musica. E, para o fazer, basta citar o seguinte:

A antiga banda da guarda municipal tocou durante annos, sob a regencia dos saudosos maestros Manuel Gaspar e Antonio Taborda, uma *selecção de fados*, de Moraes, cujo motivo era o *fado corrido*. Seguidamente, todas as bandas portuguezas regimentaes e particulares, tocaram a mesma peça. Logo, se o Fado não é musica, faça o sr. *Schumann* a fineza de me responder: Que especie de ar-

tistas eram Gaspar e Taborda para fazerem executar pela primeira banda do paiz uma coisa que não é musica?! — (Creio que *Schumann* não responderá, porque podem saltar-lhe em cima todos os artistas da banda da guarda republicana, incluindo o maestro Fão.)

O illustre musico que se chamou Alfredo Keil, na sua opera *Serrana*, tem um lindissimo fado, porque muito naturalmente entendeu que aquelle seu trabalho — cuja acção decorre entre gente do campo — não devia passar sem uma referencia á canção nacional, a portuguezissima melodia do povó lusitano. Portanto, se o Fado não é musica, tambem Alfredo Keil não foi artista, nem maestro! E' logico.

E o *Fado da Anadia*?

E o *Fado Liró* — essa soberba orchestração do maestro Nicolino Milano?

E os trabalhos, no genero, de Filippe Duarte, de Luz Junior, de Hugo Vidal, de Alfredo Mantua, de Manuel Benjamim e tantos outros maestros portuguezes, aos quaes a musica nacional tanto deve?

Nada d'isto é musica?

Estou a vêr que para o sr. *Schumann* a *Maria Cachucha* é que é musica. Bem avisado andou s. ex.^a em não dizer mais nada.

Pela minha parte, resta-me appellar para todos os maestros cujos nomes cito, pedindo-lhes que agradeçam ao sr. *Schumann* o bom conceito que faz dos seus incontestaveis meritos de artistas musicaes conscientes e applaudidissimos.

*

Convém ainda transcrever um trecho dos *Amores de Vieira Lusitano*, que trata da poesia e da musica popular, e que se deve á penna de um dos mais eminentes luminaries de litteratura portugueza. Ha, todavia, a acrescentar que, n'esse tempo, ainda o Fado não era, como hoje, uma trova de educação e propaganda social.

Eis a preciosa filigrana, assignada pelo seu notabilissimo auctor, para ralar os microscopicos e rachiticos detractores do Fado :

Por baixo das janellas, occupadas pelas fidalgas, fez-se um grande circulo. Vieira ao meio e os dois rapazes Falcões aos lados, empunharam com arreganho as banzas de Braga, e, de pé cruzado, desempenados, virados para as senhoras, começaram de concerto a arranhar os accordes lacrimosos e dulcissimos de um fado. Logo depois, no meio do silencio geral, entrou Vieira a cantar, com a sua voz fresca e cheia de côr, algumas das nossas trovas nacionaes, tão singelas e sempre tão bemvindas !

Eu não sei o que teem aquellas musicas de quatro notas; poderão não valer um ceitil na cotação dos maestros; mas sei que muita vez me deixa frio uma opera, e nunca deixou de me enthusiasmar uma *Mariannita* ou uma *Merciana* cantada de ronda, ao luar, por esses casaes da serra de Monsanto, ou por essas quintas dos Oliveas.

Muita vez não attendo ás prodigiosas habilidades de um equilibrista e prestidigitador do piano, mas páro sempre, de ouvido áperta, para escutar uma guitarra solitaria, que vae passando no Tejo, á noite, ao longo do Aterro.

Que é aquillo? é arte? não sei; é sentimento e basta.

Que são os pyrilampos? são fogo? não; mas são luz, isso são; e bastam para enfeitar com estrellinhas, a seu modo, a abobada das noites.

Aquellas quadras são pobrissimas; nenhum poeta de cunho se dignaria de assignal-as; mas, n'aquellas obras minimas da arte dos pobres e dos ignorantes, ha uma suavidade de côr e um vago de contornos, que é uma delicia. O pensamento é singelo; a fôrma é vulgar; mas esse pensamento é verdadeiro e essa fôrma é musical. Aquillo não cança, e commove por si e pelas recordações.

Quem disser que não temos musica e poesia popular, defrauda-nos do que é muito nosso.

Quando nas Matinas ou na Missa de Natal se ouvem no orgão, em registo de clarinete, algumas das nossas melopêas populares, ha um frêmito de alegria no povo. Quando Taborda cantava na comediasita, *Ditoso Fado*, algumas quadras á viola, o publico em altos gritos pedia mais, e mais, e mais, e o grande incomparavel Taborda, enfiava centenaes de quadras entre applausos.

.....
N'aquella noite de S. João, na quinta da Boa Vista, n'aquella disposição de todos, expansiva e alegre, calcule-

mos, portanto, o que seria de commovente a voz do *Estrangeiro*, entoando, respondido pelos c6ros, algumas quadras portuguezas, muito amorosas, n'aquelle pateo senhoril e aldeão, entre o rumorejar d'aquellas arvores portuguezas, entre gente portugueza de lei, que o entendia e o amava!

VISCONDE DE CASTILHO.

Nada mais é preciso para *enforçar Schumann* com a mesma *corda* que serviu ao *dr. Felix* e ao sr. Forjaz.

Quanto ao *batuque* — como o *dr. Felix* chama ao Fado — parecem-me mais dignos d'este cafreal epitheto o *Fandango*, o *Vira* e outros *mimos* musicaes alegres, de que o mesmissimo *dr. Felix* gosta tanto... para salvaç6o do figado!

O *dr. Felix* nem parece ter andado *por terras estranhas*, aliás devia notar que *melancholica e tristonha* é toda a musica allemã; *melancholica e tristonha* é toda a musica ingleza, a começar pelo funebre *God save the King!* E não consta que as summidades medicas d'estes dois paizes se lembrassem de condemnar a musica para salvar a frescura dos subditos do *Kaiser* ou dos filhos da grande Albion! E' que esses colossos da Sciencia teem mais que fazer do que vender manteiga ou tocar harmonium...

O Fado, *batuque*?

Ora quem lhe *batucasse* na Nutricia até a deitar abaixo!...

*

Recebi a seguinte carta, que gostosamente transcrevo:

...*Sr. Avelino de Sousa*. — Tenho acompanhado, com verdadeiro interesse, os seus artigos publicados n'*A Voz do Operario*, sob a epigrapha *O fado e os seus censores*. Tem-me agradado a maneira habil como v. tem fustigado esses moralistas de *meia tijella*, m6rmente o Forjaz, o auctor das *Palavras cynicas*, esse reposit6rio de maledicencia, em cujas paginas ha mais veneno que em todas as glosas que conheceo.

No ultimo artigo, o VII, ha uma falta de verdade historica que julgo conveniente aclarar, antes de refutada pelo aggressor d'um morto illustre.

Diz v. que esta quadra :

Defender os patrios lares,
dar a vida pelo rei,
é dos lusos valorosos
caracter, costume e lei.

se deve á penna do sublime *Elmano*, quando da sua lavra apenas são as soberbas glosas que todos conhecemos e apreciamos. A quadra é da condessa de Oyenhauseu, poetisa da epocha.

Eu vou trasladar o que encontrei sobre o assumpto :

«Em casa do conde de Camaride, ás Picóas, juntavam-se os poetas da epocha João Xavier de Mattos, Nicolau Tolentino, Francisco Manuel do Nascimento, Barbosa Caldas, Bocage e a poetisa condessa de Oyenhauseu. Uma noite, depois de um tiroteio de ditos do mais fino sal todos os poetas glosaram motes que lhes davam as senhoras. A Bocage deu a condessa de Oyenhauseu o seguinte mote...»

E segue a quadra.

Desculpe v. esta caturrice, mas talvez o homemsinho lhe pegasse na *coisa* e a mordesse de raiva.

Creia-me sincero admirador. — *Jedac*.

Póde *Jedac* estar descançado, que o sr. Forjaz não me pega na *coisa*, porque eu não deixo. E não deixo, por isso que a quadra, embora não seja de Bocage, fica de pé do mesmo modo. O meu erro nasceu do facto de, nas *Poesias selectas*, do dr. Henrique Midosi, estarem mote e glosas attribuidos ao genial poeta. Foi certamente esquecimento do illustre bibliographo, o não pôr o nome da poetisa por baixo do re'erido mote. A rectificação, porém, fica feita, e eu agradeço reconhecidamente a *Jedac* a sua gentileza e captivante amabilidade.

Resta-me fazer umas considerações para o publico, que com tanta indulgencia me tem aturado, e, assim, no proximo numero finalisarei o assumpto.

Um retardatario

X

Depois de encerrada esta campanha nas columnas d'*A Voz do Operario*, recebi a carta que vae lêr-se, assignada pelo sr. José Mourato Vermelho que, premeditadamente, ao que parece, esperou que eu concluísse os meus artigos para, só então, se arvorar n'uma especie de defensor dos detractores do Fado. A' deslealdade incontestavel do referido cavalheiro, devia eu responder com o meu silencio; como quer, porém, que a lealdade seja um sentimento innato na minha pessoa, prefiro dar a carta a publico, commentando-a n'este capitulo, como merece.

Eil-a :

...Sr. — Que todos os leitores, d'*A Voz do Operario* tenham lido com complacencia os artigos de v. sobre o Fado, é pretensão a que com razão se chamaria vaidade.

Eu, por exemplo, e um grande numero de leitores, com certeza, temo-nos desgostado deveras por vermos como, um assumpto que poderia ser discutido serenamente, tem sido transformado n'uma repugnante questão pessoal em que, de resto, uma unica pessoa anda envolvida: V. Porque e ainda bem, os seus criticados não lhe tem respondido, pela simples razão de que a grosserias se não deve dar resposta, tirando-lhes assim toda a auctoridade.

Mas eu, que não estou mettido na questão, venho no meu legitimo direito de socio, protestar contra a fôrma como v. se tem conduzido no nosso jornal, insultando mais do que criticando, chegando ao extremo de chamar ao sr. Forjaz de Sampaio vicioso da especie mais reles, e persuadido de que o nosso jornal não foi feito para atacar pessoas e muito menos para lhes dirigir inconveniencias que é o que v. tem feito unicamente.

Porque — e é para lamentar — v. depois de ter escripto tantas columnas de prosa, ainda não apresentou um unico argumento a favor da utilidade do Fado, servindo-se quando muito do que outros com mais auctoridade do que v. tem escripto. O que v. ainda não fez foi dizer para que é que o Fado é bom, emquanto que os seus criticados asseveram que o Fado é um mal, porque quem o canta ou o ouve an-

nula em si energias de que todo o individuo tem necessidade para vencer na lucta pela vida, e para viver feliz.

Eu estou certo de que ninguem estando alegre tem desejos de cantar o Fado e de que, cantando-o, e *sentindo-o*, fica mais triste do que estava antes de o cantar ou de o ouvir. Se não se pode com acerto chamar *triste* ao estado de espirito que succede á audição do Fado, é pelo menos uma coisa peor: o adormecimento das faculdades de trabalho, de iniciativa, uma especie de languidez ou abstracção, sentimentalidade doentia que repele absolutamente as idéas viris que conduzem aos empreendimentos que ennobrecem.

O Fado póde ser, e é sem duvida, uma musica agradável, e a mim, como ao *dr. Felix*, dil-o elle, o Fado seduz, mas por isso mesmo não o quero ouvir, para que não me embriague com sentimentos que me não convém possuir.

Diz v. que as sociedades cultas tambem o teem apreciado. As sociedades a que v. chama cultas, estão longe de ser perfeitas e possuem muitos sentimentos maus, sem os quaes se tornariam melhores. E não será uma obra digna que todos nos esforcemos para repellir as nossas más tendencias, tornando-nos assim seres superiores, em quem os instinctos ou sentimentos bons prevaleçam sobre os maus?

O Fado sendo languidamente sentimental faz-nos tambem sentimentaes sem energia e por isso eu o condemno. Mas v. não pensa assim, e não pensando acha-o bom e diz improprios contra aquelles que pensam d'outro modo.

Será isso um resultado da sua educação tristonha e sonhadora, tornadã pessimista e aggressiva pela cadencia oprimidora do Fado, será...

Mas faça um esforço: aborreça-o ou então fuja d'elle, se póde, e verá que ha-de dar-se bem. Verá depois que ha-de lamentar o tempo perdido em dedilhar a guitarra e como na musica que exprime a alegria, na sciencia, no trabalho productivo, encontrará prazeres desconhecidos...

Que a gente, afinal, não tem o direito de entristecer os outros.

Veiu tudo isto a proposito de eu discordar em absoluto da fórma pouco cortez como v. tem discutido no jornal que, sendo propriedade d'uma Associação de Instrucção, deveria começar elle proprio, por instruir *educando ao mesmo tempo*, seguindo sempre uma conducta moral que a todos o imponha. Depois d'isso veiu a minha opinião pessoal sobre a debatida questão do Fado; e como ella é abertamente desfavoravel a v. não é provavel que seja publicada, como o teem sido outras por motivo contrario. Sendo

assim só teria que julgar como entendesse ácerca da imparcialidade com que v. terá tratado esta questão.

Porque, é preciso que isto se diga, quando se discute de boa fé, é com o intuito de se chegar ao conhecimento da verdade, e esta, esteja de que lado estiver, por todos deve ser bem recebida. E parece-me que não é com rancores e indelicadezas que se substituem argumentos, nem que se convence um adversario á força de o ridicularisar. Isso, quando muito, poderá fazer rir o publico imparcial, quando o não ennoja. Mas a questão fica de pé...

Saude e Fraternidade,

JOSÉ MOURATO VERMELHO

Socio n.º 45.748 d'A *Voz do Operario*.

Fallou o sr. Vermelho. Agora fallo eu :

E' muito extraordinario que v. ex.^a sendo, como é, um inimigo do Fado, e estando por consequencia ao lado do *dr. Felix* e do sr. Forjaz, não tivesse enviado a sua carta a qualquer d'esses senhores, que, sem duvida lh'a publicariam ! Extranho é tambem que v. ex.^a estivesse dois mezes e meio á espera — que tanto tempo durou a campanha sobre o Fado nas columnas d'A *Voz do Operario* — para, só passado esse tempo, me escrever particularmente pretendendo, mais vermelho de colera que de nome, falsear a verdade a seu bello prazer !

Se v. ex.^a não me parecesse uma creatura intelligente, eu dir-lhe-hia com desassombro que não sabe ler. Porque é realmente preciso *não saber lêr*. para ter o arrojo de afirmar que eu « não apresentei argumentos, que não disse para que o Fado era bom, que insultei escrevendo grosserias, que transformei o assumpto n'uma questão pessoal e que, finalmente, tal não devia ser tratado nas columnas d'A *Voz*, que é um jornal para instruir, etc., etc. »

Vê-se, nitidamente, que v. ex.^a não só não comprehendeu o que leu, como ainda provou á saciedade não estar habituado a assistir a pugnas litterarias, ou polemicas jornalisticas. Aliás, não teria gasto tanto papel, tinta e tem-

po, para dizer o mesmo ou menos ainda, do que os outros detractores do Fado já tinham dito!

Analysemos, porém, a carta. Diz o sr. Vermelho que é «pretensão a que com razão se chamaria vaidade» o facto de eu agradecer a complacencia com que os leitores d'*A Voz do Operario* me aturaram! Toda a gente comprehende que eu não poderia ter a pretensão de agradar a todos os leitores — embora de 52:000, só v. ex.^a se queixasse — por isso que, para agradar a todos seria forçado a consultar a opinião de cada um, o que equivaleria a ter de imprimir-se cada exemplar do jornal ao gosto de cada leitor! Ora como isto era inteiramente impossivel fazer-se, eu não tinha que me preocupar se o Fulano gostou ou se o Beltrano deixou de gostar. Eu tinha simplesmente o dever moral de agradecer aos leitores na generalidade — quer gostassem ou não, porque eu não tenho nada com isso — a complacencia com que me leram. Foi o que fiz e creio que todos o comprehenderam, á excepção de v. ex.^a.

A cegueira de v. ex.^a, porém, é de tal natureza, que não haverá por certo ophthalmologista que possa cural-a!

Publiquei na *Voz* dez artigos sobre o Fado; e não ha um só, em que eu não diga muito claramente, para que o Fado é bom, e com argumentos incontestaveis! Em todos os artigos me fartei de affirmar que o Fado é, não só uma canção dilecta do povo, como ainda uma trova de propaganda social. E, precisamente porque é uma trova de propaganda social, que educa, que instrue, que propaga e diffunde grandes ideaes, é que a questão foi tratada na *Voz do Operario*! Percebeu, sr. Vermelho? Se não percebeu — como provou não perceber o que leu nos artigos — eu não sei explicar-me melhor. De resto, o que imagina v. ex.^a que é a redacção d'*A Voz do Operario*?

Suppõe que ella se compõe de inconscientes ou vendidos, de estupidos ou incoherentes? Pois, v. ex.^a não vê que se a questão do Fado não estivesse dentro da instrucção e da propaganda, a redacção do jornal não permittiria que o assumpto ali fosse tratado?!

V. ex.^a não sabe que os intellectuaes de todos os paizes aproveitam a *canção da rua* para n'um verso suggestivo e facil educar o povo, apontando-lhe as iniquidades sociaes, deitando abaixo dogmas anachronicos, fazendo a apologia dos ideaes modernos, de tudo que é bello, grande, humano, racional?

Se o não sabe, fica-o sabendo agora. O aspecto mais bello porque o Fado deve ser encarado, e conservado até, é o que o torna um factor poderosissimo de propaganda e educação.

V. ex.^a, porém, tal como os detractores d'essa canção, só conhece aquelle

A' meia porta encostada
estava a infeliz chorando

e de tal modo tem essa opinião arreigada no cerebro, que passou por cima de toda a minha argumentação sem a vêr, e vem chamar-lhe questão pessoal e grosseria!

E' curioso! Onde está a questão pessoal?

Eu, não conheço o *dr. Felix* pessoalmente, nem me dou com o sr. Forjaz a quem apenas fallei algumas vezes ha longos annos. Ataquei ambos usando d'um livre direito de critica, que ninguem pode contestar-me, porque a critica não é apanagio d'aquelles senhores, mas sim extensiva a todos que d'ella queiram usar — mórmente quando lancem mão d'ella, como eu, para dizer a verdade nua e crua, d'oa a quem doer. Não vejo, portanto, a questão pessoal!

Quanto a insultos e grosserias, só os vi nos escriptos do *dr. Felix* e do sr. Forjaz. Um e outro chamaram «vadios, bebedos, correccionaes, malandros», emfim, aos que cantam o Fado, não contando esses dois burguezes enfatuados, que do meio da plebe ignorada, alguém se levantasse e os reduzisse ao silencio.

E vem v. ex.^a, chama-me iusultador a mim, quando o insultado fui eu, senão um povo inteiro, porque afinal todos os portuguezes, com excepções raras, amam o Fado.

Guarde v. ex.^a o *Manual de Civilidade* para si, porque eu prescindo d'elle. E fique sabendo que se os censores do Fado me não responderam, foi simplesmente porque não tinham que responder. E a prova é que já ambos se retrataram particularmente. O *dr. Felix*, dizendo que só pretendia atacar a musica e não a canção; e o sr. Forjaz, afirmando que fez *aquillo* como quem faz uma *coisinha litteraria*, mas sem idéa de dizer mal do Fado, do qual sempre gostou!

Esta é a consciencia e a convicção, com que os peralvilhos das lettras fazem afirmações publicas! E' assim com essas *coisinhas litterarias* que o sr. Forjaz insultou a memoria de Silva Pinto, obrigando o dr. Carlos Amaro a comparal-o a um *gatuno de cemiterios*, nas columnas d'A *Capital*, sem que — diga-se de passagem — o sr. Vermelho ou qualquer outro, visse nas palavras do dr. Carlos Amaro, uma grosseria. Com essas *coisinhas litterarias* é que o sr. Forjaz nas *Palavras cynicas* chama prostituta a sua propria mãe! Isto é que é baixo, grosseiro e repugnante!

Eu não insultei. Ironisei, stygmatissei, ridicularisei, fui energico, fui vigoroso — o que demonstra que o Fado não annulla energias — tanto quanto devia sel-o, em minha opinião, porque não era com sentimentalismos de meridional, nem ferindo a nota poetica, ou de lagrimas nos olhos, que eu havia de sahir á estacada, contra os detractores do Fado, que, arvorando-se criticos d'um assumpto que desconhecem, pretenderam abandalhar a canção nacional.

Todos teem o direito de não gostar d'isto ou d'aquillo, mas ninguem pôde arrogar-se o direito de abandalhar aquillo de que não gosta.

Diz o sr. Vermelho, socio n.º 45.748 d'A *Voz do Operario*, que *as sociedades a que eu chamo cultas, estão longe de ser perfeitas e possuem muitos sentimentos maus, sem os quaes se tornariam melhores.*

Será muito judicioso, mas não é novidade!

Toda a gente sabe isso, camarada 45.748! E' uma affirmativa do *amigo Banana*, sem tirar nem pôr!...

Se o que tem defeitos, os não tivesse, certamente não era defeituoso... O que parece, todavia, é que v. ex.^a, tem a pretensão de ser perfeito, bem como todos aquelles que condemnam o Fado! Será isto? Parece que sim. Pois, se o Fado é por todos cantado em Portugal, e applaudido no estrangeiro, onde foi tocado em todos os paizes, incluindo a Russia, pela *troupe Gounod*, não esquecendo Luiz Petroline, e por outros artistas; se até, as grandes cantoras estrangeiras, como Rosa de Vila, Maria Galvany e outras, o teem cantado entre nós — para o que concorreram maestros illustres como Julio Neuparth e varios — com applausos unanimes e estrepitosos; e se as sociedades cultural mundiaes são defeituosas admittindo o Fado, resulta que só v. ex.^a, e quem d'elle não gosta, é que são perfeitos!!!...

Está direito...

Allude, porém, v. ex.^a, ao facto de eu me servir da opinião de pessoas mais auctorizadas do que eu, suppondo que com tal allusão me desprestigia!

E' fóra de duvida que o sr. Vermelho tem lido muito pouco. Se assim não fôsse, saberia que os maiores sabios fazem citações de quaesquer eruditos, para reforçarem a propria opinião. E eu, que não sou sabio, fazendo-o, mais razão dei a mim proprio e melhor provei aos detractores do Fado, a falsidade das suas affirmações. E' documentando que se provam conhecimentos.

Decididamente, o sr. Vermelho, precisa de lèr muito, para aprender umas coisas rudimentares que desconhece. Queira perdoar-me o conselho, e fazer-me a fineza de reconhecer que deve aproveitá-lo.

Aqui tem, pois, o sr. José Mourato Vermelho, como eu não deixaria de publicar a sua carta n' *A Voz*, por ser *abertamente contra mim*. Não deixaria de o fazer — se me fôsse enviada a tempo — por dois motivos: 1.^o, porque seria desleal se o não fizesse, e v. ex.^a, não tem direito a chamar-m'ô porque não me conhece; só o poderia fazer se, tendo-me enviado a carta, durante o lapso de tempo que a campanha durou, eu não a publicasse. 2.^o,

porque o *medo* que eu tive de responder ao *dr. Felix* e ao sr. Forjaz, é o mesmo que hoje tenho de responder a v. ex.^a!

Quanto aos conselhos que v. ex.^a me dá: *De que deixe o Fado, que o aborreça, etc., etc.*, não os accetto, porque não preciso d'elles. O Fado, a mim, *só me tem feito bem*. Eu é que tomo a liberdade de aconselhar v. ex.^a, a estudar melhor o que elle é e o que elle vale, e até a adoptal-o como trova de propaganda civilisadora e honesta, ou mesmo quando apenas nos falla á alma em lindas canções d'amor, emittidas por uma voz dulcissima de mulher, como a d'aquella saudosa e gentil Cacilda que tanto o cantou, deliciando-se e deliciando-nos.

Mas... *Eis a questão*, como se diz na tragedia shakspereana: As estatisticas sobre analphabetismo em Portugal, estão erradas. Onde dizem que existem entre nós 80 % de analphabetos, deviam accrescentar, pelo menos, mais 10 % de semi-analphabetos — ou sejam os que não comprehendem o que lêem — e de cujo numero v. ex.^a faz parte, segundo o demonstra na sua carta. Porque, evidentemente, o sr. Vermelho está ainda muito *verde* para comprehender e discernir entre *estylo* e *indelicadeza*, o que faz muita differença, porque lá diz Buffon no seu aphorismo: — *O estylo, é o homem*. E é assim que pretende atirar para a valla das inutilidades os meus pobres artigos. Pois — permitta-se-me a vaidade, aliás natural, porque eu não sei alardear modestias exaggeradas, nem mentir para ser agradavel seja a quem fôr — dentro d'esses artigos, ha um pouco de arte, de litteratura, de philosophia, de critica real, de observação, e, acima de tudo, ha o desassombrado empenho de abordar a questão social, esmagando quanto possivel as camadas que injustamente se julgam superiores.

O certo, porém, é que a myopia espirital do sr. Vermelho, não o deixou ver tudo isto! Não admira. V. ex.^a é caixeiro, e uma grande parte dos membros d'essa laboriosa classe — que aliás muito respeito e á qual já tive a honra de pertencer — aspiram ao patronato, e teimam em

não querer ser operários, como os que labutam na industria. E, todavia, são operários e dos mais obscuros e infelizes. Ora, precisamente, para cantar essa vida de escravidão, n'um brado altisonante e forte, bem como para protestar energicamente contra tudo que é iníquo, barbaro e anti-civilizador, é que eu aproveito o Fado — a melhor e mais singella das trovas e que o povo melhor comprehende, quer n'ellas se cante a belleza esthetica e esculptural da Mulher, quer n'ellas se exteriorise as amarguras da vida e os protestos dos que soffrem. Eis uma amostra que define, de uma maneira flagrante, o contraste entre as duas camadas sociaes:

Vive pobre, o pobre op'rario
que trabalha, noite e dia...
Vive rico o usurario
no seio da Burguezia!

Eis o contraste fatal,
do Nascer a subtileza:
d'um lado, o berço — Pobreza
d'outro o berço — Capital.
D'um lado o esforço animal
do infeliz proletario;
e do outro o argentario
p'ra quem a vida é rendosa!
Porque emquanto o rico gosa
vive pobre, o pobre op'rario.

O pobre é triste sendeiro
que come a ração amarga,
tal como a besta de carga
debaixo do cavalleiro.
Monta-o o rico embusteiro
com toda a sobranceria,
crava-lhe a espora-ufania,
e com cynismo arrojado,
escarnece o desgraçado
que trabalha noite e dia!

E' assim que o faz puxar
o carro do Rei-Milhão,
pois, do pobre a producção
constitue o seu bem 'stár.

Tem, para o fazer trotar
o chicote do salario,
a cujo total precario
quer que o infeliz se dobre...
E assim á custa do pobre
vive rico o usurario!

Op'rarrios do Universo
a minha humilde canção,
incita á Revolução
contra o Capital perverso.
Vê de n'este pobre verso
vossa amargosa agonia...
E luctae com energia
de modo que se invalide
o Inimigo que reside
no seio da Burguezia.

E aqui tem o sr. Vermelho — que creio bem é *parente* proximo de certo *Schumann*, que emparelhou com o *dr. Felix* e o sr. Forjaz em materia de fatuidade — em como não é a *questão que fica de pé*, como diz na sua carta, mas sim o Fado.

O Fado é que ficou de pé! E tão de pé, que deitou abaixo as opiniões do *dr. Felix*, do sr. Forjaz, do *Schumann* e a d^{ca} v. ex.^a, se é que Vermelho e *Schumann*, não são uma e a mesma pessoa...

E se não lhe agrada a resposta, não se immiscuisse n'um assumpto que desconhece e para o qual ninguem o chamou.

Ao publico

XI

Ao arvorar-me advogado de defeza da canção nacional, disse eu — no inicio d'esta campanha — que tinha esperanza de salvar o *reu*. Não me enganei. O Fado está absolvido; e para essa absolvição concorreram — muito mais do que eu, sem duvida — os seus proprios detractores! Por concomitancia o atacaram *Felix & Forjaz*, e do mesmo modo fugiram, desordenadamente, em face da vehemencia com que, supponho, o defendi em nove numeros d'*A Voz do Operario*.

A' inenarravel cobardia dos seus censores — batendo em retirada — oppuz eu a resistencia inquebrantavel da Verdade, que a critica venal não soube nem poude deitar abaixo. Nem um argumento, nem uma demonstração plausivel, nem uma phrase de pezo! Nada! Criticaram o Fado, mordiscaram-n'ó, tentaram abandalhal-o, — creio que por falta de outro genero de *sport*... — e eu, fazendo-lhe o panegyrico, com argumentos incontestaveis, tenho hoje a suprema ventura de o vêr sahir illeso, sem uma beliscadura e sem que as ferroadas da critica lhe causassem a mais pequena concussão!

Após a victoria, porém, não seria justo nem acceitavel querer eu locupletar-me sósinho com os louros da mesma, embora aberta e francamente confesse o orgulho de que me sinto possuido — como filho do povo — por tê-la alcançado! Não. Já antes de mim o defendera Carlos Harrington, no seu jornal. A meu lado, tive Luiz de Athayde, no jornalsinho *O Fado*, que brilhantemente tomou tambem a defeza da querida trova. A meu lado, tive Arthur Arriegas, no jornal *A Lanterna*, que energicamente se arvorou devotado paladino da canção nacional. E, ultimamente ainda, no semanario *A Lyra do Fado*, tive o prazer de lêr um pequeno artigo, escripto com o mesmo fim altruista. Todavia, pena foi que, havendo tantos rapazes intelligentes que cultivam com raro brilhantismo a trova portugueza, não apparecesse mais algum em defeza da nossa querida canção. E' claro que não me refiro aos mais distinctos e cotados poetas populares, como Antonio Rosa, João Black, Domingos Serpa e outros cujos nomes é inutil citar, e que, certamente, em mim descaçaram, deixando-me á vontade tratar do assumpto, convictos de que eu, como elles, faço da poesia popular um sacerdocio.

Quanto a outros muitos, porém, eu não extranho o facto, que, quanto a mim, nada tem de singular, porquanto julgo descortinar-lhe a causa.

Portugal é o paiz dos *doitores*. Um senhor doutor é tudo cá na terra! Todos se arreceiam d'elles, e o que elles dizem é uma escriptura. Supponho até que as associações

de classe, o partido socialista, tudo, enfim, que aspira, no nosso acanhado meio social, a caminhar na vanguarda do Progresso, nada d'isso marcha, nada d'isso avança, enquanto não houver *lá dentro*, pelo menos, duas duzias de *doutores!*

E' certo que este povo tem sido escandalosamente ludibriado, illudido, espesinhado por todos os doutores, a quem serviu de degrau; isso, porém, não obsta a que este mesmo povo continue a sentir o fetichismo do doutorado, dando-lhe vivas, dando-lhe palmas, e recebendo, em troca, desillusões *que não o desiltudem*, espadeiradas e tiros, o epitheto de *vendido aos monarchicos*, quando faz grève, o encarceramento na Penitenciaria, além do mais que o esclarecido espirito dos seus adorados doutores porventura possa inventar! Ah! mas o povo não tem razão de queixa, porque as classes pobres já tem no matadouro municipal, por *modico preço*, carne *pódre*, e caldo da mesma a *tres vintens o litro!* (Fica por baixo o José Maria dos Santos!)

A Democracia caminha...

Quem foi Herculano? Quem foi Garrett? Quem foi Camillo? Quem foi Anthero? Quem foram Victor Hugo, Zola, Balzac, Walter Scott, Tolstoi, Daudet?... O povo não sabe, não lê, não conhece!

Mas, em compensação, é capaz de lêr todas as columnas dos jornaes burguezes, onde se bandeia a porca da Politica; é capaz de gramar uma duzia de discursos por dia — que, já se vê, hão de salvar a patria... dos discursadores... — e, n'uma palavra, pôr-se ao lado dos srs. doutores contra os seus irmãos de miseria e de trabalho, *brincando aos soldados* nos batalhões de voluntarios!...

Simplesmente lamentavel!

E não julguem, meus senhores, que fugi do assumpto. Não. Tudo que vos digo n'esta prosa chilra, vol-o tenho dito em trovas para o Fado, algumas das quaes correm impressas. Não é necessario ter tido assento nos bancos da Universidade para se dizer o que se sente!

Felizmente, porém, já se póde discernir entre o povo

que *vê* e o povo que *é cego*! Eis porque as canções sociaes são sempre applaudidas por socialistas e syndicalistas e por todos os espiritos cultos que n'ellas vêem propaganda e ensinamento.

*

Não deveria ser eu — pobre *João Ninguém*, sem talento nem engenho — quem se mettesse a defender o Fado. Deviam ser todos os poetas de Portugal, todos os artistas de cunho, todos os musicos conhecedores da alma popular! Eu fiz o que pude. Elles fariam muito mais. Devo tudo ao Fado, por isso o amo muito, embora já não o cante como em tempos idos. Mas, não o esqueço!

Quanto aos que o censuram, visto que

*fallo ninguem me responde;
ólho não vejo ninguem;*

dou por finda a minha tarefa.

E o Fado ahí fica de pé, echoando por toda a terra lusitana, n'um murmúrio de amor, n'um lamento de saudade, n'um brado de revolta, vibrando pelos alcantis das serras, pelas quebradas dos montes, pelos vergeis encantadores, como que impellido pelo sopro tonificante da brisa, aflagando as franças das arvores, ou pelo marulhar bulhoso das aguas crystallinas, beijando as areias doiradas das praias de Portugal!

Cantam-n'o os labios juvenis de creanças mimosas, cantam-n'o as roseas boccas das mães que as acalentam, e as marfinadas gargantas das virgens castas! A pegureira gentil, o operario rude, o rustico pastor, o crestado marinheiro, o triste encarcerado, a rameira impudica, a *grisette* graciosa, a excelsa fidalga, todos, enfim, velhos e novos, o cantaram, cantam e hão de cantar sempre, enquanto a dôce vibração da guitarra se repercutir por toda a perfumada, uberrima e formosissima terra portugueza!

Lisboa — Abril-Junho-1912.

Do mesmo auctor:

CANÇÕES AO FADO.

FADO NOVO DO AVELINO (musica para piano e canto).

A CANÇÃO NACIONAL (com prefacio de D. Angelina Vidal).

LYRA DE PRATA (Fado Liró).

O FADO DAS MULHERES (Trovas em alexandrino).

PERDEU A FALA... (coplas da revista do mesmo titulo).

CAMINHO DO VICIO (drama em 5 actos, inédito).

AMOR INFAME (peça em 4 actos)

O FADO E OS SEUS CENSORES.

EM PREPARAÇÃO:

Trovas de Crystal

(com musica de Domingos Pavão Junior)

Guitarra Social

(canções de combate)